◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

MARCOS PAPA

População quer ônibus mais barato

CPI do Transporte fiscaliza a Pró-Urbano e cobra melhorias na segurança e pontos de ônibus

Não é novidade para ninguém os problemas que o transporte público de Ribeirão Preto enfrenta ao longo dos anos. Superlotação, alto preço das tarifas, falta de segurança nos pontos de ônibus que, na maioria das vezes, não têm cobertura. O usuário tem que se acostumar com o atraso nos horários, chuva, sol e calor devido às altas temperaturas típicas da cidade. O assunto que gera tanto interesse ao cidadão ribeirão-pretano também é causa do vereador Marcos Papa, 52 anos, do partido Rede Sustentabilidade, que vem lutando para a melhoria do coletivo, especialmente na questão das tarifas, a principal reivindicação da população.

POR ALLEF ARAÚJO

MURAL ENTREVISTA - Em julho a tarifa aumentou de R$ 3,95 para 4,20, superando as de São Paulo e Rio de Janeiro. Por que tarifas tão altas?
MARCOS PAPA - Eu ingressei com um mandado de segurança para impedir esse aumento e conseguimos impedi-lo por 47 dias. A prefeitura entrou com três recursos e no terceiro ela venceu e derrubou a nossa liminar. Entendemos que esse aumento é abusivo, porque os motoristas tiveram 2,5% de aumento; os funcionários públicos de Ribeirão Preto 2,5% de aumento; os índices de inflação oficial, todos girando em torno de 2,5% de aumento. Então achamos que 6,33% de aumento na tarifa, dentro do atual contexto, foi um abuso. O prefeito foi muito precipitado porque ele conseguiu derrubar a liminar e deu o aumento. E se o juiz julgar o mérito e ver que estou certo, como o senhor prefeito vai devolver esse dinheiro para a população? Para Ribeirão Preto, uma tarifa de 4,20 é cara.

O Consórcio Pro-Urbano propõe um reajuste de 19,24% que levaria a tarifa a R$ 4,71. A alegação é um um déficit financeiro causado pela queda no número de passageiros. Isso procede?
A questão da recessão interferiu na queda do número de usuários. O outro motivo é que o transporte coletivo em Ribeirão é ruim e hostil ao passageiro. O usuário faz o que pode para fugir. Se o sistema fosse bom, ele estaria convidativo para que o cidadão usasse. Nos horários de pico, por exemplo, você tem ônibus lotado passando direto num ponto de ônibus que também está lotado. Nossos pontos de ônibus são desumanos. Dos três mil que existem, apenas quinhentos possuem bancos e coberturas. Isso tudo deixa o sistema ruim, expulsando os usuários do sistema. Mas, a Pro-Urbano não mostra o quanto caiu, esconde os números, e a Prefeitura, por sua vez, é negligente e não fiscaliza. O fato é: se 6,33% é abusivo, os 19,24% não tem base nenhuma na realidade.

O acumulado de aumento em dez anos aponta alta de 80% na tarifa. No mesmo período, em São Paulo, a tarifa teve alta de 74%. Por que essa alta?
Existe uma fórmula no contrato que se chama fórmula paramétrica. Essa fórmula recebe vários indicadores e sua composição é que vai dizer o índice de reajuste. A inflação sempre é inferior aos índices de reajuste. Isso significa que a fórmula foi feita para beneficiar a concessionária e há uma cláusula no contrato que a cada cinco anos a Prefeitura pode discutir. Eu entendo que nós temos que rever essa fórmula, temos que cobrar aluguéis das cantinas nos terminais, temos que cobrar as propagandas nos pontos de ônibus e colocar esse dinheiro no caixa da Prefeitura para que venha baratear o preço da tarifa.

O que está sendo feito para controlar as tarifas e exigir melhorias do consórcio a curto prazo?
Como presidente da CPI do Transporte eu revelei que das quarentas cláusulas contratuais a Pro-Urbano não cumpria 22, ingressei na Justiça contra isso, e o Judiciário ainda não se manifestou com relação ao mérito. A nossa fiscalização fez com que o consórcio passasse a, pelo menos, construir alguns terminais, senão todos. Conseguimos provar que aquelas propagandas que havia nos pontos de ônibus eram ilegais e imorais. Ilegal porque não teve autorização do Legislativo. Imoral porque a ex-prefeita deu de presente para o dono da concessionária explorar não só as propagandas nos pontos de ônibus, como as cantinas nos terminais. Na atual administração, foi cancelada a autorização e agora vai haver nova licitação para as propagandas nos pontos de ônibus. Porém, esse dinheiro arrecadado servirá para colocar bancos e abrigos nos pontos e também para baratear o preço da tarifa.

Outra reclamação dos usuários são os pontos de ônibus, com roubos, falta de policiamento, sem coberturas contra a chuva e o sol, muitas vezes sem assento. O que pode ser feito em relação a isso?
A população tem que reclamar e se necessário entrar na Justiça, procurar a gente na Câmara, porque os pontos de ônibus têm que ter bancos, cobertura e, de preferência, uma propaganda iluminada para clarear o ponto à noite, como feito em São Paulo, por exemplo. Esse sistema é mais humano, mais inteligente e mais econômico, porque você está arrecadando dinheiro e vai para o cofre da Transerp para baratear a tarifa. Outra ação que a população pode tomar é ligar no 156 e registrar a reclamação e se a pessoa que atender não quiser registrar, escreva para o gabinete do vereador @marcospapa e o nosso e-mail ou no nosso site marcospapa.com.br. Se preferir, no WhatsApp, tire uma foto, grave um vídeo, exponha a sua insatisfação conosco. A população tem que usar a criatividade na fiscalização do sistema, pois não é nada de graça. A população está pagando caro e o serviço tem que ser bem feito.

Qual a contribuição que a população pode dar para ajudar nessa questão?
Que a população fiscalize os políticos, que a população fiscalize muito a Prefeitura, adquira o hábito de encontrar coisas erradas e escrever para os vereadores para que juntos pensemos numa solução. A população deve desconfiar dos vereadores, dos prefeitos, dos políticos, mas uma desconfiança construtiva. Assim que vir uma ilegalidade, uma irregularidade, deve levar ao parlamentar provas, pistas, evidências. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

ALESSANDRA GREGOLDO

A força do amor próprio

Mulheres utilizam redes sociais e convívio pessoal para valorizar a beleza singular

O padrão de beleza para as mulheres sempre foi ditado pela sociedade. Direta ou indiretamente a mídia e o próprio corpo social dizem como se deve vestir, expressar, comunicar, moldar. Porém, o movimento de empoderamento feminino vem quebrando a cada dia essa ideia de que toda mulher precisa seguir um molde para ser bela. Nos dias atuais, muitas são as referências de mulheres que aceitaram a cor da pele, o cabelo crespo, os pelos do corpo. Mas, o sobrepeso ainda é um fator que inferioriza a autoestima das mulheres. Alessandra Gregoldo, 22 anos, conta como superou essa vida de padrões de beleza e construiu seu amor próprio a partir de sua beleza singular.

POR ANA BEATRIZ FEOLI

MURAL ENTREVISTA – O que é beleza para você?
ALESSANDRA GREGOLDO – Com certeza, a singularidade. A maneira única como cada pessoa pensa, fala, se veste, se expressa. O que influencia muito na beleza é a forma como a pessoa se enxerga e como ela enxerga o mundo. Isso vai além da beleza física. Influencia a melhorar a cada dia, reconhecer que sempre existe algo que você pode melhorar. Transforma a beleza interior.

Você já sofreu algum transtorno de imagem, foco obsessivo em um defeito que a pessoa considera na própria aparência?
Sim, durante a minha adolescência eu me enxergava totalmente fora do padrão. Dos 13 aos 15 anos eu sofri muito com o espelho, não gostava de me olhar e evitava ter no meu quarto. Era um sofrimento diário e naquela época eu tinha um corpo muito "melhor" do que eu tenho hoje. Então, com 15 anos desenvolvi compulsividade alimentar, engordei 14 quilos e comecei a ir atrás de todos os tipos de dietas para emagrecer. Com quase 16 anos fiz a pré-bariátrica, mais conhecida como "balão", mas quando tirei o "balão" engordei tudo em menos de um ano. Foi então que, abalada emocionalmente por ter conseguido chegar ao meu objetivo e ter regredido, eu percebi que o meu problema era interior, além do físico, era psicológico.

Você já sofreu algum tipo de bullying?
Sofri bullying praticamente durante toda a minha infância e sempre relacionado ao meu físico, já que eu sempre fui acima do peso. Meu sobrepeso sempre foi uma brincadeira para muitas pessoas. O que mudou muito foi a forma com que eu passei a receber esses comentários. Antes eu deixava que eles me machucassem, hoje eu sei que eu sou muito mais do que as pessoas me julgam ser.

Como você percebeu que não precisava seguir padrões de beleza, impostos pela sociedade, para ser bonita?
Foi um processo e começou logo que eu engordei muito após retirar o balão. Com a ajuda da minha família, comecei a tentar me aceitar, a fazer um exercício diário de olhar, na frente do espelho, tudo aquilo que para mim era um defeito no meu corpo e busquei por qualidades. No meu rosto, por exemplo, eu não gostava da minha papada, mas percebi o quanto eu gostava do meu sorriso. Mesmo não gostando da minha barriga, percebi que a minha cintura era um pouco mais fina. Com isso, passei a me vestir com roupas que valorizavam aquilo que eu gostava. Quando voltei do meu intercâmbio na Venezuela, já tinha quase 19 anos, minha irmã me apresentou as modelos plus size e com isso comecei a me inspirar em pessoas que tinham um biótipo parecido com o meu, não em pessoas magérrimas. Isso era o meu diferencial. Eu era bonita de um jeito diferente das modelos manequins. Me conhecer e me valorizar me mostrou o poder que eu tenho.

Na sua visão, o que é uma mulher com beleza empoderada?
São mulheres que se enxergam da melhor forma a sua beleza singular e ajudam outras mulheres a se enxergarem como elas realmente são.

O que você faz para disseminar as suas ideias e aquilo que você acredita?
Eu não tenho um discurso, apenas espalho aquilo em que acredito da forma mais natural. Eu vivo o "quanto mais você se ama, mais as pessoas poderão te amar". É um efeito cascata. Se alguém do seu lado está se amando, está se aceitando, você acaba refletindo e trazendo isso para a sua vida. Foi assim que aconteceu e acontece comigo. Em primeiro lugar, eu quero poder ajudar quem está do meu lado, que é do meu convívio, que sofre calado e precisa de um empurrãozinho para mudar. Além disso, mas não como foco principal, eu utilizo as redes sociais, em especial o Instagram.

Mesmo não tendo um perfil super conhecido no Instagram, qual o feedback que você recebe?
Meus feedbacks são extremamente inesperados e de pessoas que eu nunca imaginei inspirar ou influenciar. É muito doido saber que você pode impactar alguém pelo simples fato de viver. Meninas inesperadas dizendo que você as ajuda a se amar. Um caso que aconteceu comigo, fora da internet, foi em uma viagem que eu fiz para o Rio de Janeiro. Conheci uma chilena e juntamos os grupos de amigos. Ela era tímida, não usava biquínis, e o seu físico era levemente acima do peso. Até que no último dia da viagem, estávamos todos na praia, ela veio me falar que naqueles dias eu a ensinara a se amar. Que eu mostrei que ela era bonita. E pela primeira vez ela tirou a roupa e usou um biquíni em um local público. Foi incrível.

Você pretende construir algum trabalho nas mídias sociais para alcançar mais meninas?
Sim, quero muito. É muito legal que com esse processo eu idealizei a minha marca de biquínis para todos os tipos de corpos e por meio da divulgação nas redes sociais eu quero alcançar o máximo de meninas possíveis. Eu quero ser a própria divulgação da marca.

Qual foi o marco que te fez aceitar quem você é e começar a construir a sua autoestima?
Quando eu cheguei em um momento da minha vida em que o que eu mais desejava era ser alguém que eu não era, nem no físico e nem no intelecto, percebi que precisava mudar. Então, com a ajuda da minha família, e com muita vontade dentro de mim, eu comecei a trabalhar a minha confiança e o meu amor próprio. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

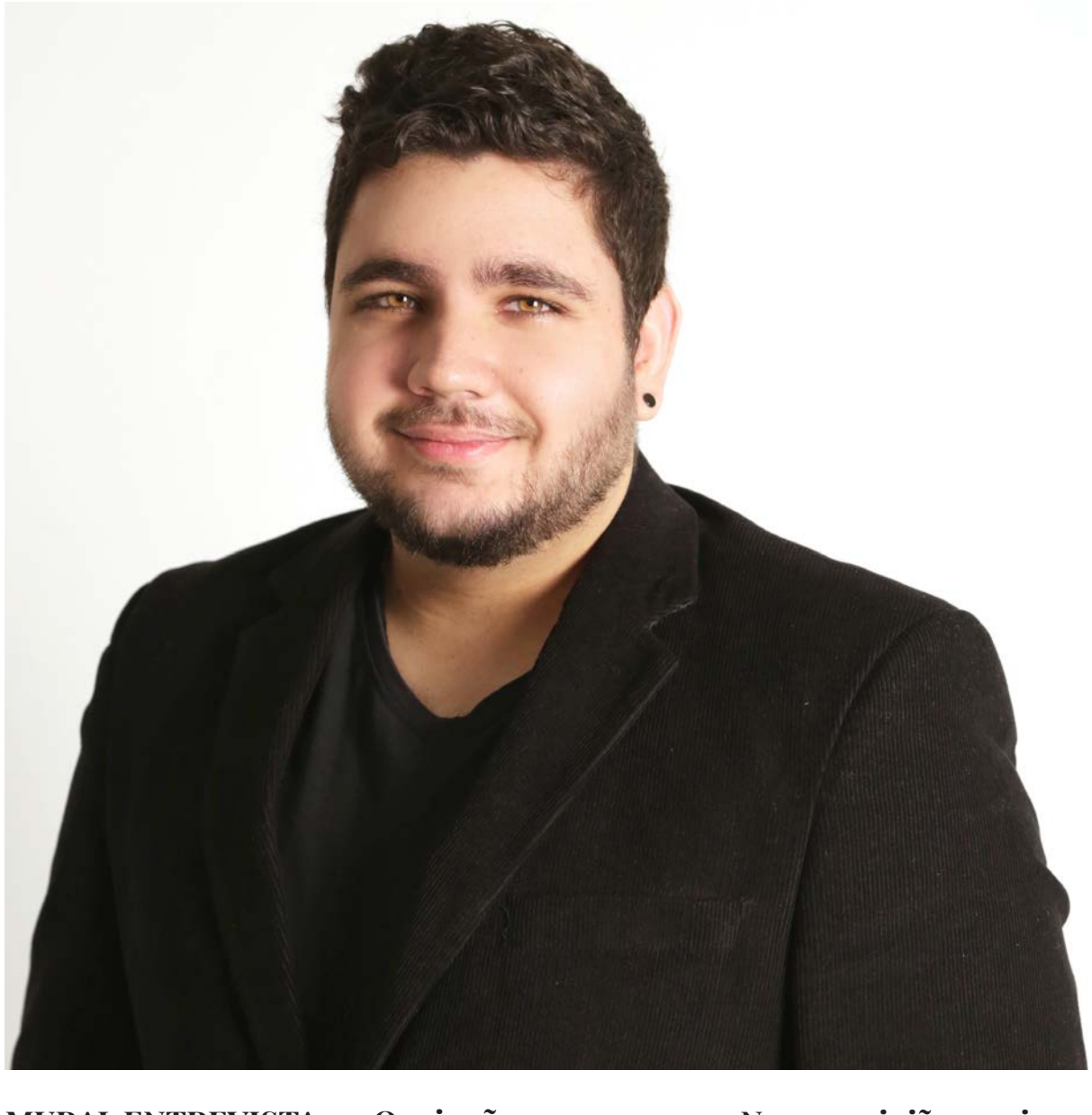
ANDRÉ COUTINHO

Os eternos craques do futebol

Os principais atletas mundiais têm legiões de fãs e são considerados verdadeiros mitos

No futebol quem dita a opinião e cria o estereótipo é o povo. Errada ou não, a opinião pública sobre futebol é apaixonada e ocupa a maior parte das discussões em rodas de amigos, nos finais de semana. Faz parte dessas conversas, o debate sobre o desempenho dos jogadores e, principalmente, os craques, aqueles que se destacam e são considerados ídolos e mitos do futebol. No jornalismo esportivo, os profissionais também têm seus atletas preferidos e André Coutinho fala nesta entrevista sobre esses craques. Jornalista formado pela Unaerp, antes André já havia cursado Publicidade e Propaganda no Centro Universitário UNISEB Ribeirão Preto. Atuou por dois anos na Rádio 79 e na TV THATI fazendo as transmissões, produção e apresentação de programas e participando da produção geral da rádio. Também foi estagiário na rádio CBN por um ano e meio. Depois de formado trabalhou na Martinez Comunicação como assistente de comunicação e hoje é colaborador no site "Mantos do Futebol". André também faz freelance para veículos de imprensa e está se especializando em jornalismo esportivo.

POR CARLOS MIURA



MURAL ENTREVISTA - Quem são os jogadores que você considera mitos na atualidade?
ANDRÉ COUTINHO - Acredito que os maiores mitos hoje em dia são Messi e Cristiano Ronaldo, no geral, embora essa palavra "mito" possa ser destinada para outras especificações, dependendo de cada um entender seu significado. Eu por exemplo, considero o Mbappé um mito, afinal, com 19 anos, fazer tudo o que ele tem feito...

Quais são os melhores jogadores da atualidade na sua opinião?
Cristiano Ronaldo atualmente é o melhor do mundo, sempre ao lado de Messi. Os dois estão em patamares acima dos outros. Abaixo deles estão Neymar, Modric, Mbappé, Hazzard...

Quais ex-jogadores de tempos recentes você mais admira?
Ronaldo Fenômeno, Romário e Zidane.

Na sua opinião, quais os melhores jogadores de antigamente?
Muitos, né, mas destaco Pelé, Maradona e Cruyff, pelo impacto que causaram e todo o legado que deixaram.

Qual seu ídolo no futebol?
Meu ídolo é Ronaldo Fenômeno, por tudo que ele passou em sua vida e a volta por cima, os títulos e tudo mais. Além dele, Zidane foi outro que vi jogar e que me encantava. Atualmente, sou muito fã do Cristiano Ronaldo, por toda dedicação e tudo o que ele faz para se manter em alto nível.

Que jogador da atualidade você gostaria de entrevistar?
Me inspira entrevistar o Cristiano Ronaldo.

Quais mitos da imprensa te inspiraram a fazer jornalismo esportivo?
PVC (Paulo Vinícius Coelho) e William Bonner. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

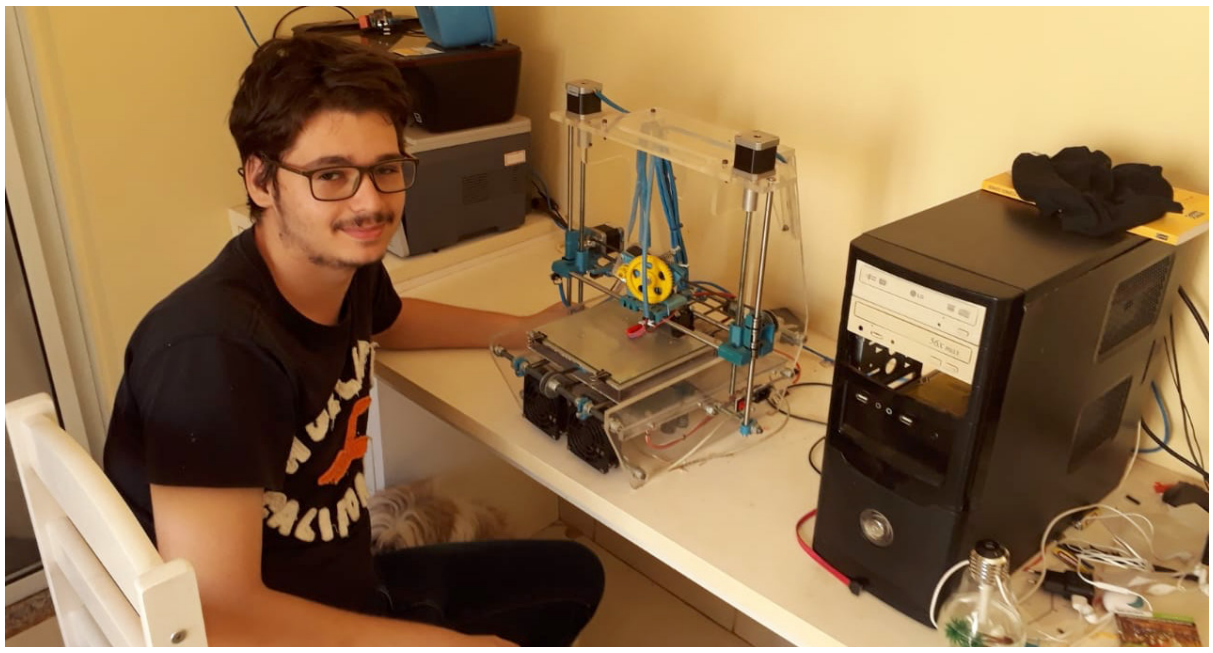
LEONARDO FACCI

Jovem empreendedor investe em 3d

Com apenas 18 anos, Facci está desenvolvendo tecnologia para impressão 3D

Leonardo Facci é um jovem empreendedor ribeirão-pretano de 18 anos, na área de tecnologia de impressão 3D. Ele tem planos de abrir sua empresa no ano que vem e comenta sobre as dificuldades de se empreender no Brasil. Cedo, aos 12 anos, ele já pesquisava áreas da informática e participou do Prêmio Jovem Cientista da USP, entre outros concursos. Apesar das dificuldades ao enfrentar um mercado altamente competitivo, Facci não desiste de seus objetivos.

POR DANIEL MOREIRA



MURAL ENTREVISTA – Quais sãos os desafios do novo empreendedor no Brasil hoje?
LEONARDO FACCI – Entre os desafios que já vinham do passado e os que surgem com o presente cenário econômico está o fato de você conseguir desenvolver um produto dinâmico, capaz de entrar em um mercado estagnado por produtos chineses e inserir um produto ainda não consolidado no mercado

Quanto tempo de preparação é necessário para se montar um negócio?
Isso depende do setor em que você está trabalhando e do produto que está desenvolvendo, mas no caso da área em que estou, é preciso de uns nove meses para se começar um negócio no país.

Quem te guiou a seguir esse caminho de inovação?
Durante muito tempo mantive contato com pesquisadores da USP e fóruns de discussão sobre a tecnologia Open Source com a qual eu trabalho. Isso me levou a ampliar meus horizontes possibilitando ver com a mente mais aberta problemas enfrentados no dia a dia, como a necessidade de próteses de baixo custo e feitas sob medida, que poderiam ser resolvidas com tecnologia que estou a desenvolver. As tecnologias existentes têm certas limitações, inclusive na questão de custo para produzir uma máquina.

Quais os desafios de trabalhar nessa tecnologia no Brasil?
Competir com a China, primeiro de tudo, além da grande taxação de impostos que acaba por consumir grande parte do lucro que iria para investimento, e depois ter que encontrar um lugar no mercado,

Com quantas pessoas você está trabalhando para tornar esse sonho real?
Eu e o meu sócio estamos trabalhando incansavelmente para tornar esses objetivos realidades, mas estou recebendo ajuda da minha família, por parte de irmãos e outros parentes e ajuda de amigos

Você citou a ajuda de família e amigos, mas em que, exatamente, eles ajudam?
Eles ajudam na coleta de materiais como peças, matéria prima e equipamentos.

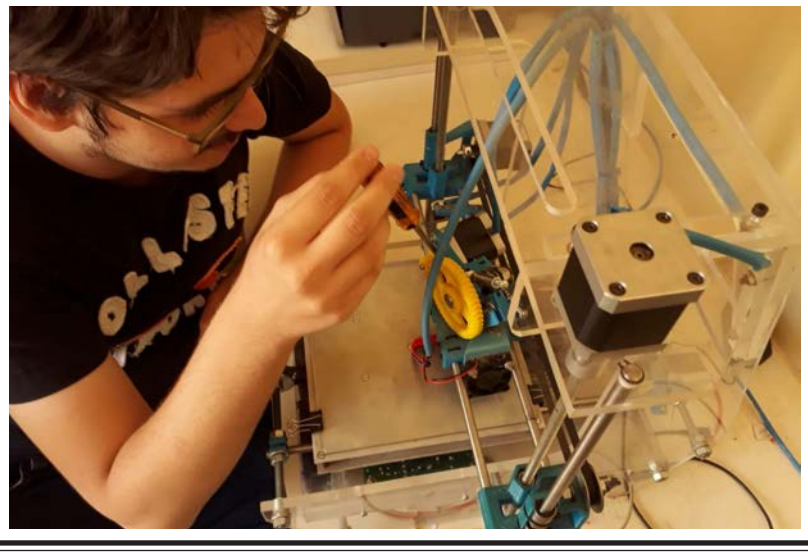
Com que idade você começou a se interessar pela área?
Com 4 anos eu já me interessava por eletrônica, para entender como funcionavam os aparelhos. Com 6, eu entrei em curso de robótica (e eletrônica) e continuei até 2014. Eu até fui campeão duas vezes em 2008 e 2010. Nesse tempo eu também visitava as palestras na USP, (pequeno cientista, projeto realizado pela USP para incentivar jovens a entrar na area da ciência e pesquisa). Nesse tempo acabei por me interessar pela área de impressão 3D, vendo possibilidades de resolver problemas que não poderiam ser resolvidos com os recursos atuais.

Você mesmo montou a sua impressora 3D?
Sim, a primeira impressora que eu montei foi em 2013, se não me engano. Daí continuei interessado no assunto e depois de todos esses anos, agora eu estou me dedicando a isso com todo meu esforço.

O que você espera trazer de inovação para o mercado?
Quero trazer impressoras 3D a baixo custo para a casa das pessoas. No mesmo modelo que os japoneses fizeram com o micro-ondas. E corrigir os defeitos presentes nas impressoras atuais.

Quais são as dificuldades técnicas que o impedem de trabalhar?
Bem, dizer que isso impede a gente de trabalhar é um exagero. Mas, estamos com uma tremenda dor de cabeça para conseguir o filamento necessário para usar na impressora. Então pra gente não ter mais dor de cabeça eu e o meu sócio estamos montando a máquina para conseguir o filamento, Estamos buscando um monte de peça no serralheiro e até fomos comprar manequins em um ferro velho para derreter e usar o plástico.

Quando se espera entrar em operação com força total?
Isso é uma resposta que até eu queria saber (risos). Eu convidei o meu amigo para entrar nesse negócio em agosto, e eu já tinha muita coisa estruturada. Então prometemos que teríamos a máquina de filamento em operação até o fim do mês, mas no fim eu acabei montando a impressora primeiro e comprei outra, mas ainda não conseguimos começar por causa do filamento (risos). E a gente até tentou comprar um pouco de filamento, mas ele foi parado na receita. Então agora estamos na espera, só pensando no que a gente vai fazer quando estiver tudo pronto.



Quais são as expectativas que você tem na empresa, a curto médio e longo prazo?
A curto prazo é fazer dinheiro o suficiente para ter a possibilidade de me mudar para uma casa sozinho com meu sócio. E a médio e longo é monopolizar o negócio de impressão 3D no Brasil.

Qual é a sua perspectiva de sucesso a curto prazo?
Eu e o meu sócio estamos planejando ir morar juntos até o fim do ano que vem, assim teremos mais facilidade para nos comunicarmos e nos dedicar mais aos negócios. Estou ensinando a ele um pouco de engenharia, para assim ele conseguir ajudar montando os projetos.

Qual função de cada um dos dois?
Bem, a princípio ele faz a parte artística do projeto e eu a técnica. Mas sendo detalhista eu fico de olho na parte de vendas de produtos e ele fica na parte de investimento. Eu trabalho para montar as máquinas e fazer a linha de montagem ser a melhor possível e ele decide o que será impresso na linha de montagem ou não. Ele faz a parte artística e está usando os softwares para criar o que nós iremos imprimir. Eu faço a impressão sair certo. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

ALFREDO SIMONETTI

Transtorno mal compreendido

Agitação, falta de atenção, desmotivação são alguns dos sintomas de TDAH

O TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) é um transtorno que causa falta de atenção ou agitação no paciente. Por não ser uma doença não tem cura, devendo ser tratado por psiquiatras e psicólogos especializados. Existem mais de 2 milhões de novos casos por ano de TDAH, entre eles muitos famosos como Bill Gates, Will Smith, Jim Carey, Emma Watson, Tom Cruise e Ashton Kutcher. O médico psiquiatra Alfredo Simonetti orienta que os pais devem buscar ajuda assim que perceberem qualquer sinal de TDAH. Psicólogo clínico e hospitalar, psicanalista e autor dos livros "Manual da Psicologia Hospitalar" e "O Nó sem Laço", Simonetti lamenta os portadores do transtorno sejam julgados como vagabundos ou incompetentes, loucos ou irritantes. "A maioria das pessoas desconhecem o problema", explica.

POR FERNANDO LOPES

MURAL ENTREVISTA - O que é TDAH? Quais são suas principais características?
ALFREDO SIMONETTI - O TDAH pode se manifestar em dois tipos: O paciente com déficit de atenção ou o paciente com hiperatividade. No caso do déficit de atenção a criança fica muito distraída, sem concentração. Se ela estiver assistindo aula e passar uma mosquinha na sua frente, ela perde toda a concentração na aula e fica ligado na mosquinha até que novo fato ou objeto lhe tire aquela atenção e a leve para outra. Já a hiperatividade deixa a criança agitada, ela não consegue parar quieta, como se estivesse ligada no 220 volts.

Como os pais podem detectar o transtorno nas crianças?
Os pais podem perceber o TDAH reparando nas notas dos filhos. Se eles estão tirando notas ruins, se não conseguem ler um livro, se distraem facilmente, ou se a criança não consegue parar no mesmo lugar, estando constantemente agitada, convém procurar ajuda profissional.

É importante buscar tratamento desde muito cedo? Quais são os profissionais que tratam?
Buscar o tratamento desde muito cedo depende da situação da criança. Se as características do TDAH estão aparecendo de uma forma um pouco mais intensa, os profissionais que tratam são os psicólogos e médicos psiquiatras.

Como é tratado o TDAH?
O tratamento deve ser feito principalmente por terapias, pois os remédios para esse transtorno são remédios muito fortes e que só devem ser tomado em casos mais agravantes.

Como os pais podem ajudar o paciente?
Os pais para ajudar devem primeiro entender que o comportamento da criança é um problema, e que ela é daquele jeito por causa do transtorno, e não por ser vagabundo ou preguiçoso. Muitas vezes, o comportamento da criança acaba sendo considerado como vagabundagem, sendo ela mal julgada por isso. E aquela criança só é daquele jeito por causa do transtorno.

Qual o melhor tipo de terapia para o tratamento?
Não há uma terapia específica que seja melhor, pois cada paciente é de um jeito e vai precisar de um tipo de terapia diferente, adequada a ele e ao seu caso.

Quais tipos de problemas uma pessoa com o transtorno vai enfrentar na vida?
Uma pessoa com o transtorno será desorganizada, desmotivada, sem força de vontade, além de ter dificuldades no estudo e no trabalho. Mas, vai também enfrentar problema de julgamento errado, principalmente a dificuldade de ser tratado como um vagabundo, pois ele não vai ter vontade de fazer as coisas. Ou será agitada demais, extremamente ansiosa, irritadiça. Todos são sintomas que levam desconhecidos a julgarem mal. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

CAROLINA URSOLINI

Atualização e um coach para ajudar

O mercado de trabalho pede profissionais atualizados, com domínio de uma ou duas línguas estrangeiras

No mercado de trabalho atual é importante adquirir novos conhecimentos para crescer profissionalmente, entre eles o domínio de um segundo ou até um terceiro idioma. Para aumentar a produtividade e comprometimento de seus funcionários, as empresas e os próprios profissionais trabalham com o auxílio dos coachs, uma técnica recente que ajuda pessoas a alcançar seus objetivos no mundo do trabalho (e, em alguns casos, até pessoais). Para entender mais sobre o assunto, a coach Carolina Ursolini, formada em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) e com especialização em coaching, explica quais são as características dos profissionais de hoje para obter sucesso.

POR GUILHERME PINTO

MURAL ENTREVISTA – Quais as competências mais importantes atualmente para um profissional ser selecionado em uma vaga de emprego?
CAROLINA URSOLINI – Essa pergunta é bem abrangente. Um dos requisitos que a gente sempre trabalha é conhecer a empresa para a qual estamos contratando. Temos um modelo básico de competências específicas para cada função cada competência tem uma descrição específica por cargo. Todas as competências variam de acordo com a empresa, mas em geral o foco em resultado, comunicação, trabalho em equipe e comprometimento cabem muito bem. E uma nova que está bombando: a capacidade de inovação.

As empresas têm preferência por pessoas que dominam mais que um idioma? Por que?
Essa preferência ocorre quando a empresa solicita essa necessidade. Às vezes, aquele profissional usa muito pouco o segundo idioma, mas usa. Então, ter aquele requisito completo é de fato um super diferencial para o processo de entrevista e a possibilidade de entrar na empresa é muito maior. Principalmente quando a busca de carreira é a ascensão em empresas multinacionais, o inglês, com certeza, é fundamental.

Apenas as multinacionais preferem funcionários poliglotas, ou empresas nacionais e regionais também?
As multinacionais com certeza, mas nas empresas menores, regionais ou familiares, também há demanda pelo profissional com domínio de língua estrangeira. Agora, a dica para os profissionais é não se limitar ao que a empresa precisa e sim se direcionar da melhor maneira possível. A recomendação é sempre ter bom conhecimento.

Quais são os idiomas que mais frequentemente são exigidos pelas empresas?
Inglês e espanhol. Eu já vi empresas solicitando alemão, mas não é comum. Algumas instituições trabalham com o curso de mandarim, pois as empresas se atentaram ao mercado chinês. Está tendo muita demanda de pessoas lá na China e pessoas vindo para cá.

O conhecimento de outras culturas e realidades diferentes das nossas é importante para os profissionais atuais? Por que?
É extremamente importante, principalmente porque estaremos o tempo todo lidando com pessoas diferentes, independente da cultura. No próprio Brasil nós temos várias culturas.

O que os profissionais podem fazer para melhorar seus currículos e assegurar o ingresso no mercado?
Uma coisa fundamental é estar sempre atualizado, não necessariamente com cursos que exigem investimentos financeiros. Há muitos cursos gratuitos em vários sites, desde cursos técnicos envolvendo algo específico da sua área até competências mais genéricas. Excel, por exemplo, é fundamental. É muito importante que a gente tenha uma conexão do quem somos versus o que fazemos. Passar por um desenvolvimento pessoal é muito recomendado para que essa conexão aconteça.

O que é um coach e o que ele faz?
O coach é um processo que está muito focado no alcance de resultados, então é a ferramenta que, junto com você, ajudará no processo de seu desenvolvimento. Você hoje está no ponto A, e a gente vai trabalhar para você chegar no seu ponto desejado, o ponto B. Esse caminho de mudança é o que o coach vai trabalhar. Esse trabalho é completamente diferente da terapia, que é um tratamento emocional.

Como funciona a seleção de candidatos para uma vaga de trabalho através do coach?
O coach é um processo preparatório. Fazemos uma análise do seu perfil, você recebe um feedback de uma forma muito clara; geralmente os entrevistadores de empresas não dão esse feedback tão amplo. Fazemos uma simulação de uma entrevista para que se identifique melhores formas de apresentações. E a tendência do coach é que você melhore muito o que entrega na entrevista, só que o resultado daquilo vai depender muito também da aderência da vaga para o seu perfil.

Qual o investimento necessário para se contratar um coach? E o retorno desse investimento? Quanto tempo demora?
O valor é bem diversificado. Conheço pessoas que cobram R$ 100,00 ou R$ 200,00 reais uma sessão, e outros que cobram R$ 500,00. Uma média de R$ 4.000,00 por um processo de dez sessões. Eu cobro um valor por sessão, identifico sua necessidade e, se dentro do que conversarmos entrarmos em um acordo, eu monto um plano para você com menos sessões. Eu recomendo pesquisar, verificar realmente o que você está comprando versus a entrega que você vai ter. E o resultado de retorno é muito baseado na meta do próprio indivíduo.

Quais as precauções para um profissional contratar um bom coach?
O que eu recomendo é sempre identificar qual a escola de formação que essa pessoa fez e buscar informações com outras pessoas que contrataram. Uma coisa que eu tenho muito sentido na prática é você ter um primeiro contato com essa pessoa, identificar se encaixa, porque há formas de trabalho que não vão atender sua necessidade. Também tem de buscar pela internet, buscar referências, saber bem quem é a pessoa. O que eu mais recomendo é o contato para saber se tiveram outros casos de sucesso. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

MÁRIO BODNAR

Caminhos para crescer e realizar

A realização profissional exige autoconhecimento e capacidade de comunicação

Mário Bodnar, graduado em Comunicação Social e coach em desenvolvimento e liderança, explica que desde os primórdios o homem precisava se comunicar, mesmo que não verbalmente. Quem se destacava, continuava sua espécie. E atualmente, mais que nunca, a comunicação é chave para o desenvolvimento e autoconhecimento. Com o acesso rápido à informação e tecnologias cada vez mais avançadas, a humanidade evolui no mesmo ritmo e precisa se comunicar bem para ser compreendida. O ato de se comunicar não engloba apenas a linguagem verbal, que é apenas uma pequena parcela, se comparada com a não-verbal que se refere, principalmente, à linguagem corporal. É ela responsável por transmitir, de forma correta e clara, a mensagem.

POR HUGO DEGASPARI

MURAL ENTREVISTA - O que é uma boa comunicação?
MÁRIO BODNAR - Uma boa comunicação é aquela onde emissor e receptor se entendem. O emissor emite a mensagem, o receptor a decodifica e devolve um feedback para quem a emitiu. Muitas vezes, nos enganamos achando que uma boa comunicação é aquela onde alguém fala bem. Não necessariamente. É preciso ter o outro lado. Ter o feedback mostrando que, de fato, o objetivo da comunicação foi alcançado.

O que uma boa comunicação muda na vida das pessoas?
Uma boa comunicação favorece melhores relações, ajuda no trabalho, visto que trabalhamos em grupo e precisamos saber trabalhar com interdependência. Então, quem se comunica bem vai ser fortemente beneficiado por isso. E não me refiro apenas à fala, mas quem ouve e sabe usar bem a linguagem corporal.

É possível alcançar o sucesso, nos diferentes aspectos da vida, sem uma boa comunicação?
Antes de tudo, eu acredito que o sucesso é relativo. Cada um tem a sua visão de sucesso, ou deveria ter. Eu acredito, fortemente, que a comunicação é uma habilidade para que as pessoas consigam ter o seu sucesso. O processo de se comunicar bem, o processo de conquistar um grande objetivo, seja ele pessoal ou profissional, passa pela necessidade de se comunicar bem. Mas, isso não pode ser uma regra. Quando se têm profissionais técnicos, por exemplo, um cientista, que pode ter um perfil mais introspectivo, porém ter sucesso em sua carreira. Então, o sucesso é relativo. Mas acredito que é importante se comunicar bem para conquistar os seus objetivos.

Quais as chances de uma pessoa com boa comunicação se dar bem em relacionamentos e no mercado de trabalho?
A chance é grande, porque nós somos seres sociáveis e vivemos em sociedade. Em um relacionamento social, pessoal ou profissional, quem se comunica bem consegue a atenção, o apoio e a presença das outras pessoas. Hoje, o mercado de trabalho se encanta com quem "se vende bem". Muitas vezes, em entrevistas de emprego, a pessoa que "vende melhor o seu peixe" é aquela que consegue a contratação. E, geralmente, a melhor pessoa, que tinha competência técnica, não consegue a vaga, pois não conseguiu se apresentar corretamente.

Como alcançar um certo nível de comunicação que proporcione o desenvolvimento pessoal?
Primeiro é importante estabelecer e saber bem o que você deseja desenvolver em si mesmo. O desenvolvimento pessoal passa por uma fase, que é o autoconhecimento. Então você precisa entender o que é o estado atual. Como você está hoje? Como você se comunica hoje? O que você ganha e perde com isso? Em seguida, é importante traçar bem especificamente o que você quer desenvolver em si mesmo. Eu acredito que a comunicação é uma habilidade, entre outras, que a pessoa vai precisar desenvolver para chegar aonde ela quer.

Pessoas não comunicativas tendem a ser mais reprimidas?
Eu acredito que as pessoas que se comunicam menos tenham uma grande probabilidade de ficarem mais isoladas. Se você olhar para as pessoas que se comunicam mais, verá que elas têm um ciclo de amigos maior, uma rede de contatos maior. Justamente porque ela pratica a comunicação com mais frequência. Então isso acaba sendo uma relação de causa e efeito.

Cite duas ou três dicas para se conseguir uma boa comunicação.
"Conhece-te a ti mesmo" já dizia Sócrates. Busque ajuda com pessoas da família, amigos, e peça que deem um feedback sobre como você se comunica hoje. Como é a sua dicção? Quando você fala, as pessoas entendem? Olhe a expressão facial de quem você está conversando. A pessoa tende a franzir, por exemplo, a sobrancelha? Se sim, pode ser que ela não esteja entendendo com clareza o que você quer dizer. Resumindo: conhece-te a ti mesmo, busque entender como você se comunica hoje, avalie sua dicção, seu comportamento, sua linguagem corporal e trace melhorias em cima dessa avaliação. Busque exemplos e pessoas que te inspirem. Hoje temos a tecnologia e, com ela, várias palestras no YouTube com muitas dicas de comunicação. E, para finalizar, trace objetivos claros para você se desenvolver e se comunicar melhor. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

ROGÉRIO CONSTANTINO

Imprensa caipira se digitaliza

Jornalismo do interior se transforma para manter seu espaço junto ao público

O jornalismo regional é uma das principais ferramentas de conexão e informação dos moradores do interior do país. A imprensa interiorana conta com seu público fiel que foi conquistado através de um processo de confiança e tradição. Porém, no mercado atual, com a chegada das mídias digitais, muitos desses veículos deixaram de existir ou trabalham de maneira custosa. Com o surgimento das novas tecnologias, essas empresas jornalísticas tiveram que se adaptar às novas formas de trabalho. Investidas como os portais on-line, redes sociais e outras formas de divulgação de notícias são ações que a imprensa regional adotou para sobreviver.
São publicações dirigidas por jornalistas experientes e têm muita credibilidade junto aos seus públicos, como Rogério Constantino, 50 anos, formado em Jornalismo pela Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp, proprietário do "Jornal Cidades", com sede em Jaboticabal, fundado em 1994, com circulação ininterrupta desde então. O semanário abrange onze cidades da região: Barrinha, Dumont, Guariba, Matão, Pradópolis, Pitangueiras, Taquaritinga, Taquaral, Taiúva, Taiaçú. Além da versão impressa, o leitor do "Jornal Cidades" também fica sabendo tudo o que acontece na região através do portal de notícias www.jornalcidadesonline.com.br

POR IGOR ABREU

MURAL ENTREVISTA – Qual é a importância do "Jornal Cidades" na região de Jaboticabal?
ROGÉRIO CONSTANTINO – Na minha opinião, é passar os acontecimentos do cotidiano sobre as ocorrências nas áreas policiais, jogos, eventos locais e as ações do poder público, no caso, as prefeituras, que impactam sobre a população.

Qual a proposta editorial do "Jornal Cidades"?
A proposta do Jornal, na verdade, é fazer a cobertura das pequenas cidades da nossa região, já que estamos longe dos grandes centros. A gente produz de tudo, como matérias policiais, esportivas, ações das administrações públicas, eventos, o cotidiano dessas cidades. Entretanto, o nosso foco acaba sendo as matérias policiais, não por uma escolha nossa, mas na verdade é o que dá mais repercussão pelo motivo de sermos porta-voz dessas pequenas cidades.

Quais as diferenças entre a pauta da versão impressa e a do portal?
Não existe diferença. Matérias daquela semana veiculada na versão online são veiculadas também na impressa. O que acontece é que nessa versão (impressa) a gente não cobre algumas cidades, como Ribeirão Preto e Sertãozinho e na versão on-line nos acabamos cobrindo.

Qual a tiragem da versão impressa e sua circulação? E a atualização do portal?
A tiragem é semanal e fica por conta de três a cinco mil exemplares. Quanto às noticias do portal, como meu jornal abrange onze cidades da região de Jaboticabal, dá para receber inúmeras informações e atualizar o portal com cerca de dez novas notícias por dia.

Quais tipos de assuntos são os mais acessados em seu portal? Como o senhor verifica o engajamento do público online?
Posso dizer que os assuntos mais acessados em meu portal são os casos policiais e os acidentes. Algumas ferramentas das mídias sociais, como o Facebook, através das curtidas, comentários e os compartilhamentos nos permitem avaliar como está sendo a relação da matéria com o público.

Qual matéria é a mais acessada de seu portal e por que o senhor acha que o público se sente mais atraído por este tipo de notícia?
Tivemos há pouco tempo uma matéria que foi muito acessada que foi a do ataque à empresa de transporte de valores Brinks, em Ribeirão Preto, com mais de 100 mil leitores, segundo o contador do Facebook. Como eu disse, apesar de não cobrirmos essa cidade na versão impressa, no portal ela acaba tendo maior proximidade com o público por causa de seu alcance. Através da ferramenta de contagem que o Facebook disponibiliza, tivemos três grandes matérias com muitos acessos. A primeira, sobre o Hospital do Câncer de Barretos, que ultrapassou a marca de 500 mil acessos, a segunda de um cãozinho salvo na cidade de Matão. Essa matéria possuía um vídeo e também atingiu a marca de 500 mil acessos. Entretanto, a indignação de um morador de Dumont em relação à tarifa do pedágio acabou sendo a matéria mais acessada de nosso portal, com mais de um milhão de leitores.

Qual é a principal fonte de renda da sua empresa jornalística?
Como meu jornal é gratuito, a maior parte da renda provém de anúncios e outras publicidades.

O jornal está presente em alguma rede social? Se sim, qual o número de seguidores que ela possui? Através disso, como é feita a divulgação das matérias de seu portal?
Atualmente, meu jornal está no Whatsapp, onde circulo notícias publicadas no site por meio de uma lista de transmissão para meus contatos e também para vários grupos. Contamos com uma página no Facebook, a qual possui 60 mil curtidas e toda vez que colocamos uma matéria na rede, procuro encaminhar para meus contatos através do e-mail da empresa.

Quais são as principais dificuldades que o senhor e o seu jornal enfrentam?
Pelo fato do meu jornal ser mais voltado para fatos policiais, a busca de informações nas delegacias complicou um pouco de uns tempos para cá por conta do redirecionamento das ligações para cidades fora da região. Várias vezes perdi informações que poderiam ser publicadas. Na verdade, não somos simples reprodutores de notícias. Como circulamos em cidades menores, nós recebemos informações de habitantes e vamos checar o ocorrido e, se possível, publicar. Esclarecendo a questão do redirecionamento, irei citar o exemplo de Pradópolis: antes a gente conseguia ligar na delegacia de lá e checar o fato, mas isso hoje não é mais possível por conta do redirecionamento, já que a ligação cai na Central de Atendimento da cidade de Ribeirão Preto, inviabilizando a checagem. Uma alternativa que eu tenho feito para escapar desse transtorno é conversar com amigos repórteres ou o pessoal da polícia das cidades que eu cubro para trocar informações sobre casos. Para mim, isso é muito grave. Imagine que tenha um tiroteio em alguma cidade em um sábado à noite e eu não consiga checar a fundo o caso com informações da delegacia, terei acesso apenas ao boletim na segunda de manhã e, até lá, a notícia já está velha.

Qual sua perspectiva de futuro para os jornais interioranos de característica regional?
Nos dias de hoje, várias cidades do interior não possuem veículos regionais, porém as que possuem essa mídia em circulação, caso se adaptem à transição para a internet, sobreviverão e consequentemente conquistarão novos espaços no mercado. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

TATIANE MARTINS

O universo cresce em outro país

O Núcleo de Intercâmbio da Unaerp abre oportunidades para o aluno ampliar sua formação no exterior

A experiência de fazer intercâmbio durante a formação universitária amplia o universo do estudante. O jovem vai aprender um novo idioma e evoluir na conversação, conhecer pessoas e respeitá-las em suas diferenças, entender a ética de trabalho estrangeira. Além disso, morar fora do país promove o autoconhecimento e cria uma vantagem competitiva para o mercado de trabalho pois, certamente, vai adquirir competências, habilidades e estratégias para atuar colaborativamente. Estas são as principais vantagens apontadas por Tatiane Martins, supervisora do Núcleo de Intercâmbio da Unaerp.

POR LAÍS GARCIA

MURAL ENTREVISTA – Quais as principais contribuições do intercâmbio nos aspectos pessoal e profissional?
TATIANE MARTINS – Não tem como essa experiência, com tamanha diversidade, não enriquecer o estudante, pois as situações que ele irá viver não serão idênticas ao país de origem. Além de conhecer pessoas do país onde está, o aluno também tem contato com estrangeiros de outros países, suas culturas e realidades. Constantemente, sairá de sua zona de conforto para lidar com situações difíceis, que não aconteceriam não fosse o intercâmbio. Cada vez mais, com a globalização, é importante ver o mundo na sua amplitude, pois ao conhecer algo novo seu campo de visão se abre. Há muito a agregar na vida de quem tem a sorte dessa oportunidade.

Como funciona o programa de intercâmbio no exterior?
Nosso programa de intercâmbio pode ser de seis meses a um ano. No nosso site há a relação das 110 instituições parceiras, que vão de universidades, a centros de idioma e empresas especializadas em cursos de curta duração e personalizados no exterior. Após a abertura do edital de vagas, o candidato tem que trazer seus documentos e passar por processos de seleção. A primeira fase é a análise da documentação e depois tem uma entrevista com uma comissão do nosso departamento que avalia o perfil do aluno e se ele de fato tem condições de representar nossa Instituição fora do país. Para participar o aluno precisa ter no mínimo 40% do currículo concluído e no máximo 80%. É interessante que ele vá, viva essa experiência e ao retornar tenha tempo de estudo na Universidade para poder dividir seu crescimento com a comunidade da Unaerp. Outros critérios adotados são não ter reprovações, ter uma média de no mínimo 6,5 e é necessária uma carta de recomendação de um professor e do coordenador do curso. Se com base nesses requisitos o aluno for aprovado, deverá se candidatar para uma universidade parceira de sua escolha e aguardar a carta de aceite. Após passar nas seleções, o estudante está pronto para fazer as malas e viajar.

Como o estudante deve se preparar para ingressar no programa?
É muito importante que no começo da vida universitária além de buscar informações, o aluno foque no curso que está fazendo, visto que a seleção feita pelo Núcleo de Intercâmbio é muito exigente. É de extrema relevância que o candidato seja um bom aluno para que nós estejamos seguros de indica-lo para representar a nossa universidade em outros países. Depois, deve ficar atento às informações que disponibilizamos por e-mails, cartazes, redes sociais e site. A próxima coisa a fazer é pesquisar sobre os destinos disponíveis para identificar o que melhor se molde a ele. Falar outro idioma é fundamental, senão ficará restrito a países de Língua Portuguesa, além de outras dicas que damos, como se preparar economicamente.

Como ficam as questões culturais entre estudantes de diferentes países?
Antes mesmo de ser aceito, já pedimos que o aluno faça as devidas pesquisas sobre a cultura e a realidade do lugar onde deseja estudar. Após ser selecionado, há uma reunião para embarque onde passamos muita informação para o intercambista, tentando prepará-lo para o choque cultural que ele provavelmente terá. A convivência com a diversidade faz muito bem para o aluno, se ele estiver aberto a viver todas essas novas experiências.

Qual a política de acompanhamento daqueles que estão em outros países?
A maioria das universidades com as quais trabalhamos tem escritórios muito bem preparados para lidar com problemas eventuais. A partir do momento em que o aluno é aceito na universidade estrangeira, a própria instituição já o coloca em contato com um funcionário responsável por ajudá-lo. Ao final da viagem ele escreve um relatório contando a experiência e a partir desse documento avaliamos e preparamos melhor novos participantes e para acompanhar o dia-a-dia, utilizamos o e-mail, WhatsApp e outras redes sociais.

Existe a possibilidade de estender o período do intercâmbio??
É de extrema importância que o estudante seja muito sincero sobre quanto tempo planeja ficar no programa, porque isso irá refletir na questão do visto para entrar no país de destino. Mas pode ocorrer do aluno ter pretensão de ficar seis meses, por exemplo, e pedir a prorrogação do visto. Avaliamos se o participante está apto ou não a continuar os estudos naquela universidade e verificamos a demanda em relação àquela instituição e aquele curso específico. Se ele mostrar um bom desempenho naquele período e não houver outros alunos interessados a fazer intercâmbio no mesmo local, pode ser autorizado desde que ele tenha condições legais de ficar naquele país.

Já houve casos de estudantes que desistiram do programa em andamento? Por que?
Recentemente aconteceu o primeiro caso de um aluno que retornou cedo do intercâmbio. Ele alegou que teve dificuldades de adaptação na universidade. Conversamos com ele para entender o que aconteceu e estamos revendo os métodos usados para selecionar os candidatos. Mas, até mesmo para esse aluno que desistiu do intercâmbio antes do tempo, a visão de mundo dele ampliou com as experiências vividas.

Já existe algum tipo de programa que envolva ex participantes?
Estamos desenvolvendo esse programa. Ao retornarem, reunimos todos os intercambistas num bate-papo para entender melhor como foi a experiência. Na última reunião, por exemplo, conversamos a respeito de nos ajudarem com a orientação aos novos participantes e todos se colocaram à disposição para ajudar e também para receber alunos internacionais que venham a estudar aqui. É muito comum esse contato entre novos e ex participantes, pois os próprios alunos criam esse relacionamento quando nos dão autorização para os procurarmos. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

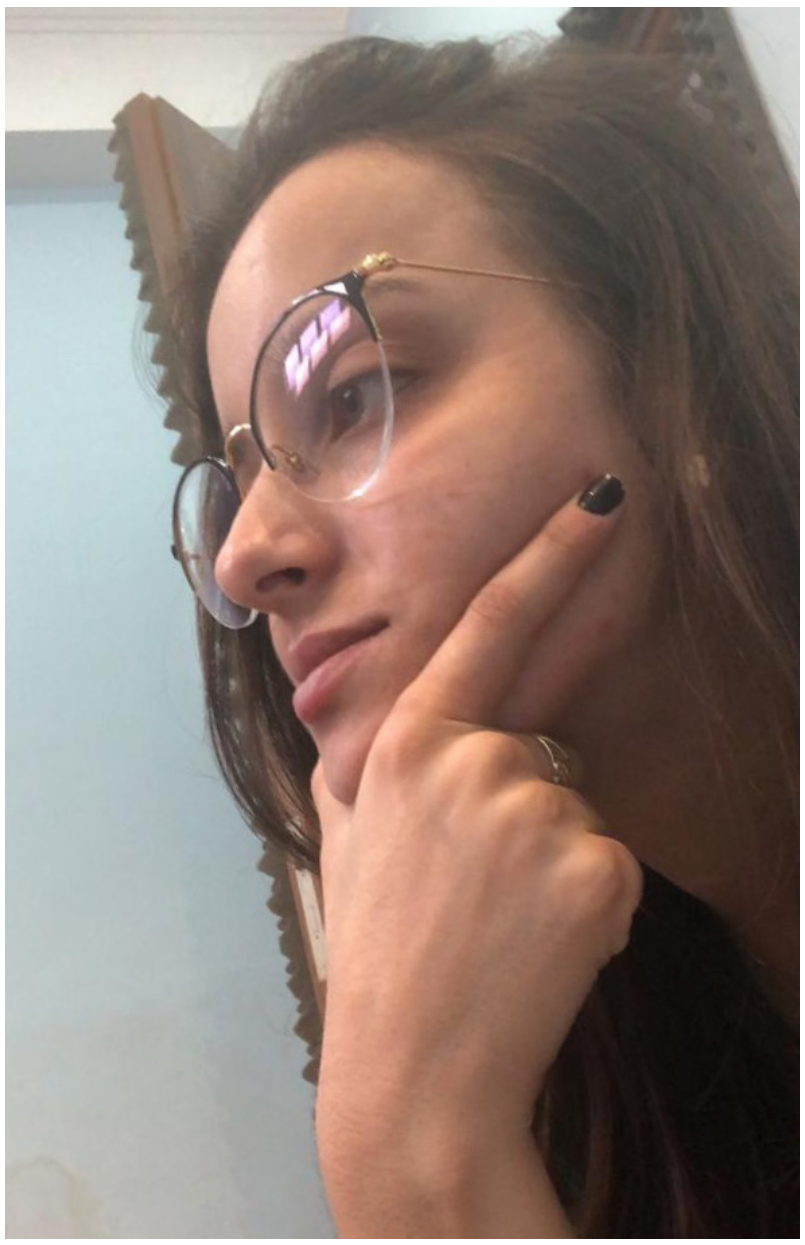
VANESSA DO BEM

Estudantes ansiosos sofrem mais

Ansiedade eclode mais na universidade por causa da pressão

A ansiedade é um dos transtornos psicológicos que mais aumentam entre universitários. Estudantes têm desenvolvido cada vez mais esse distúrbio após iniciarem o curso superior. O aumento na carga de responsabilidade, a pressão para tirar boas notas e a cobrança familiar são fatores que podem desencadear o problema.
A psicóloga especializada em terapia cognitiva e comportamental, Vanessa do Bem, explica sobre o distúrbio, suas possíveis causas e como ele pode afetar a vida dos jovens.

POR LARISSA OLIVEIRA



MURAL ENTREVISTA – Como especialista e pelo que você tem observado, quais são os principais motivos responsáveis pelo desencadeamento da ansiedade, especificamente entre os universitários?
VANESSA DO BEM – São vários os motivos que podem desencadear a ansiedade. É algo muito individual. Um dos motivos pode ser quando a pessoa percebe que está no curso errado, o que pode gerar uma série de outros sintomas. A ansiedade também pode estar associada ao déficit de atenção com hiperatividade, transtorno que pode não ter sido diagnosticado até à faculdade, onde é necessário um foco maior. Essas novas exigências próprias da faculdade podem propiciar que o diagnóstico ocorra apenas naquele momento.

Por que os estudantes estão mais suscetíveis a desencadear esse tipo de transtorno mental?
A carga de responsabilidade aumenta muito no curso superior e isso, atrelado à outros fatores, pode desencadear a ansiedade. Há também o fato de que, no ensino médio, os alunos não são tão cobrados quanto na faculdade e isso, juntamente à pressão familiar, à pressão para não pegar nenhuma DP e tirar notas boas, podem ser causas.

As universidades têm tomado certas medidas para ajudar nesse sentido e dar apoio ao estudante que esteja passando por esse tipo de dificuldade. Esse apoio tem sido o suficiente e gerado uma melhorias para os estudantes?
Pelo que eu observei estagiando na Unaerp, a procura dos estudantes pelo apoio disponibilizado na Clínica de Psicologia não era muita. Dos que procuravam, a questão da ajuda dependia muito deles continuarem o acompanhamento, que é essencial para obter resultados em qualquer tratamento. Caso isso não aconteça, não há garantia de avanços. Mas, para as pessoas que realmente frequentavam, esse apoio ajudava.

Com relação à procura dos estudantes por ajuda, há uma relutância em admitir que há um problema e procurar um especialista? Uma certa vergonha por estar passando por isso?
Sim. Nós temos dificuldade de falar sobre a nossa dor e, se a pessoa apresenta um sintoma de ansiedade, isso é uma dor e falar sobre isso não é fácil. A vergonha também existe, mas o problema principal é lidar com a própria dor.

Essa demora acaba sendo ainda mais prejudicial para a pessoa?
Sim. Essa demora acaba desencadeando outros fatores no problema dela. É como uma bola de neve que vai aumentando.

Hoje em dia há uma abertura maior da sociedade ao tratar de transtornos mentais, mas ainda assim há pessoas que pensam que tudo isso é apenas um capricho. Por que isso acontece?
É um pensamento muito antigo que ficou muito estigmatizado. Essas questões sempre existiram. A diferença é que agora nós demos um nome para isso. Antigamente não se sabia o que eram essas coisas e as relacionavam com outras doenças físicas. Hoje temos um nome e um tratamento para os transtornos mentais. Mas, ainda há resistência em não acompanhar a evolução da sociedade.

Como isso pode afetar a pessoa que sofre de algum transtorno e tem em seu convívio alguém que sempre a coloca ainda mais para baixo?
Geralmente isso causa uma sensação negativa, um pensamento negativo, piora a situação, principalmente quando o paciente se importa minimamente com o que essa pessoa do seu convívio pensa. A primeira coisa que nós queremos quando contamos para alguém sobre algo que dói em nós é ser acolhido, mesmo que for apenas ao ser escutado. Ao não ter essa dor acolhida, isso se transforma em algo negativo automaticamente. Mas isso também depende do grau de importância dado à opinião de quem faz a crítica.

É importante que haja maior comunicação e conscientização sobre esse assunto dentro e fora das universidades?
Sim. É importante ajudar a conscientizar a população sobre a existência dos distúrbios psicológicos, de que não é uma brincadeira, não é mito e nem falta de Deus. É algo real.

Quais mudanças sociais seriam necessárias para auxiliar os universitários?
Penso que seria necessário que essas mudanças começassem de baixo, pela escola, com as crianças e com os pais, para assim modificar duas, três ou quatro gerações, dependendo de quem cria a criança. Essa conscientização deveria começar pela escola. Nós aprendemos muita coisa na escola, mas não aprendemos sobre sentimentos, não temos uma rede de apoio para lidar com nossos sentimentos a não ser que você vá ao psicólogo. Portanto, para uma mudança social, seria necessária uma mudança assim no campo pessoal. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

FERNANDA ZEOTI

O direito de estar na universidade

Unaerp disponibiliza serviço de apoio à pessoa com deficiência para dar suporte aos estudantes

Dados do MEC indicam que em 2014, cerca de 7,8 milhões de brasileiros ingressaram no ensino superior. Do total, 33 mil eram portadores de alguma deficiência ou necessidade especial, representando somente 0,42% do total de matrículas. Em 2004, dos 4,2 milhões de ingressantes apenas 5 mil eram portadores de deficiência, representando 0,12% das matrículas. Diante da inserção desses estudantes na universidade, a Unaerp possui um Serviço de Apoio à Pessoa com Deficiência, que promove o apoio no processo de inclusão e na adaptação à vida acadêmica. O SeAPDef tem como representante a psicóloga, doutora em Psicologia pela USP, Fernanda Zeoti. Com atuação na área de deficiências, ela possui especialização em Clínica, com ênfase em Avaliação Cognitiva e também é docente na Unaerp.

POR LAUANI MEIRA

MURAL ENTREVISTA - Nos últimos anos, qual a porcentagem de ingresso de pessoas com deficiência no ensino superior brasileiro? E na Unaerp?
FERNANDA ZEOTI - O ingresso de pessoas com deficiência no ensino superior tem aumentado, principalmente após 2015 e 2016. Hoje há uma representatividade muito grande em torno dos casos relatados, já que ainda há muitos portadores de deficiência que não se declaram dessa forma. Na Unaerp não há um número tão expressivo de alunos que se declaram logo no ingresso para o processo seletivo como portadores de deficiência, necessidade especial ou algum transtorno ou distúrbio. Assim, temos um índice próximo de 6%, que abrange os alunos com deficiência que surgem pelo processo seletivo e os que se declaram dessa forma durante o curso. Mundialmente, as deficiências mais comuns são as intelectuais, seguido das físicas, visuais e auditivas. Na Unaerp há um histórico, conhecido em vários cursos, de deficiências visuais e físicas. Atualmente, também há muitos alunos com autismo, hiperatividade e dislexia, por exemplo, que não são deficiências, mas são acolhidos no processo de inclusão como necessidades educacionais especiais.

As universidades estão preparadas para receber esses alunos?
A Unaerp possui um projeto pensando na inclusão no ensino superior, com base nas necessidades que já existiam na Universidade e outras que surgem com a procura cada vez maior do processo seletivo adaptado. Diferente de outras universidades, ela olha e enfatiza o trabalho de inclusão, que é feito de maneira pontual e real. Assim, existe um núcleo especializado nessa temática, algo que efetiva e concretamente tem sido feito para promover a educação inclusiva. Mas, ainda é algo muito novo e não há nada teórico para termos um embasamento. Mas, de modo geral, as políticas existentes nessa área são voltadas para o ensino fundamental.

O que é e como funciona o SeAPDef?
O Serviço foi criado em 2016 para apoiar a pessoa com deficiência para o melhor aproveitamento da vida acadêmica. O trabalho do SeAPDef inicia-se no processo seletivo adaptado, pois o setor é responsável pela ala do processo seletivo das pessoas que têm alguma deficiência e estão prestando o vestibular ou tem alguma necessidade educacional especial e pediram adaptação. A partir do momento em que o candidato é aprovado, ele passa a ser acompanhado dentro do curso, com um olhar voltado para a necessidade específica. O trabalho é feito de uma maneira triangular, envolvendo a pessoa com deficiência, a família e a instituição, na qual o SeAPDef é responsável por estabelecer essa ligação e fornecer o apoio para o estudante.

Quais são os principais objetivos do SeAPDef?
O principal objetivo é inclusão, através da conscientização e a quebra de barreiras. Uma delas é a atitudinal, com a mudança de perspectiva de professores e colegas em relação ao aluno deficiente. Também visamos a quebra das barreiras arquitetônicas, como a dificuldade do cadeirante de circular pelo campus. Há também as barreiras pedagógicas que são as limitações impostas pela deficiência que não permitem ao aluno acompanhar uma aula integralmente. A inclusão busca dar à pessoa o direito de estar na universidade e ter a mesma formação.

Atualmente, quantos alunos recebem o apoio pedagógico?
Temos cerca de 30 alunos, considerando os que de fato são acompanhados com idas ao curso, conversas com a família e assistência durante provas e o processo acadêmico. Já temos muitas respostas positivas de alunos que tinham vergonha da deficiência, não interagiam, e que hoje conseguem falar sobre a própria condição.

Como os professores e os colegas podem apoiar o aluno com deficiência?
O primeiro passo é a compreensão. É importante sair da ignorância, entrar em contato com o aluno com deficiência e saber de fato o que acontece com ele. É essencial que o professor entenda as necessidades do aluno e não crie ideias erradas. Às vezes, há um aluno que possui uma deficiência física ou motora tão acentuada que muitos acham que ele é portador de uma deficiência intelectual. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

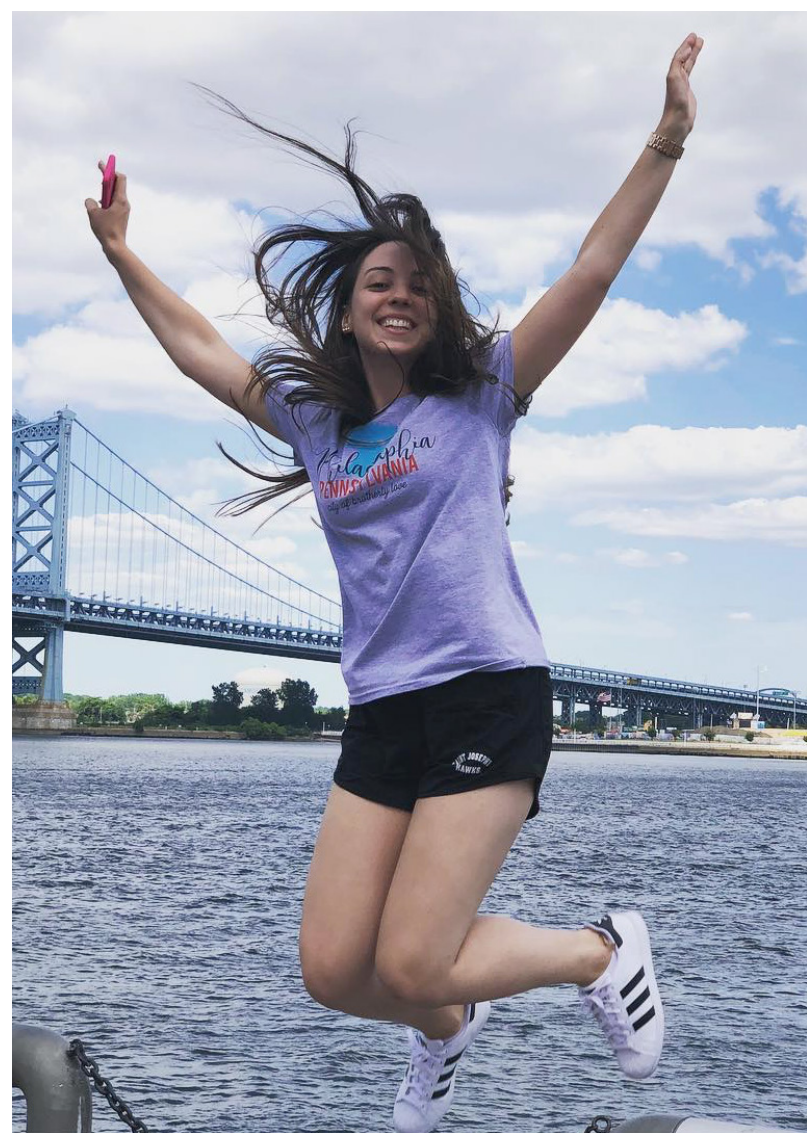
GIULIA STEPHANO

Intercâmbio: experiência para a vida

Fazer intercâmbio no exterior agrega novas realidades, além de ótimas surpresas

A procura por intercâmbio no exterior vem crescendo em todo o mundo. Destinado a estudar, trabalhar ou apenas conhecer uma nova cultura, o intercambista sempre vai voltar para casa com maior conhecimento do que quando saiu. Muito sonhado por adolescentes ou jovens universitários, pela primeira vez, segundo uma pesquisa da Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio, os programas de mestrado e doutorado estão entre os dez mais procurados. Giulia Stephano, 21 anos, formanda de Letras e professora de inglês, fez intercâmbios nos Estados Unidos: em Hollywood, em 2016, e na Filadélfia, em 2018 e explica que os intercambistas devem mergulhar na cultura do país para aproveitar o máximo.

POR LUCAS DIAS



MURAL ENTREVISTA – Qual era sua expectativa ao sair do Brasil para os EUA na primeira viagem? O que esperava adicionar ao seu currículo tanto profissional quanto pessoal?
GIULIA STEPHANO – Esperava chegar nos EUA e conhecer muitas pessoas de vários lugares do mundo, conhecer suas culturas, aprender mais o inglês e poder falar "bem" com americanos. Também esperava adquirir algumas técnicas de ensino de Língua Inglesa para utilizar com meus alunos.

Gostou mais da primeira viagem, onde tudo era novo, ou da segunda, quando já estava familiarizada com o país?
Gostei mais da primeira. Foi a realização de um sonho, pois sempre quis conhecer Los Angeles. Tudo era novo e eu ficava encantada. Tinha ido sozinha, estava bem insegura, mas foi uma experiência única. Aprendi mais inglês, visitei lugares incríveis, vi muitos famosos nas ruas, conheci muita gente, fiz muitos amigos e até um namorado alemão eu arrumei. Sem contar que amadureci e cresci pessoalmente, afinal, não tinha meus pais por perto para ajudar e resolver problemas para mim.

Quais os requisitos para alguém que quer fazer intercâmbio?
Primeiramente, aconselho conhecer pelo menos um pouco do idioma e da cultura. Os hábitos das pessoas são diferentes dos seus e, sem nenhum conhecimento, você ficará perdido. Depois, procure uma agência de intercâmbio, mas tome cuidado com as que oferecem um preço muito baixo. É melhor gastar um pouco mais e garantir que a parte burocrática será bem feita e não dará nada errado na hora de viajar. E estando lá, não deixe os estudos para depois, pois correrá o risco de voltar ao Brasil sem um certificado.

Como tirar o máximo de proveito da experiência no exterior?
Você precisa se desligar um pouco do Brasil. Muita gente diz que se você conhecer algum brasileiro no exterior e ficar com ele o tempo todo, não vai praticar e aprender mais o inglês, mas não tem como negar uma amizade brasileira. Não perca muito tempo no celular conversando com família, amigos, namorada (o), por mais que a saudade aperte e eles estejam loucos para saber de você. Foque mais no seu dia-a-dia, na escola, nos estudos, nos novos amigos, nos lugares que você precisa conhecer.

Quanto aos Estados Unidos, foi difícil se adaptar?
Quando fui à Filadélfia, estudei numa universidade, então parecia que eu estava em algum filme ou série americana. Aquele campus enorme, campo de futebol americano, líderes de torcida etc. Isso era o máximo. Difícil era se adaptar ao estilo de vida deles. O tempo de almoço é muito curto (acredito que seja por isso que inventaram o famoso fast food). Você sai da aula, tem 30 minutos para comer um lanchinho "mais ou menos" e volta. Aqui no Brasil, você come arroz e feijão ("comida de verdade") e depois, a maioria tem um tempinho para sentar no sofá e dar aquela respirada. Muitas vezes cheguei atrasada na aula da tarde por não conseguir comer rapidinho. Os professores e diretores não queriam saber de explicação e ficavam bravos mesmo.

Em algum momento você conseguiu notar nitidamente a diferença entre sua vida, no Brasil e a vida nos EUA?
Quando eu precisava de ajuda e recorria aos americanos, alguns já falavam que não podiam ajudar e ofereciam uma ajuda "mais ou menos". O brasileiro, para ajudar alguém faz qualquer coisa. Outra coisa muito diferente é a pontualidade dos americanos. Nos Estados Unidos, quando estava atrasada, não adiantava nem chorar. O ônibus sai às oito horas em ponto e não te espera mesmo.

Em relação à expectativa que você tinha quando saiu do Brasil, qual foi o seu maior aprendizado?
Hoje, a partir da experiência que tive em outro país, percebo que perdi um pouco da minha timidez e sei que consigo me virar sozinha. Antes, dependia muito dos meus pais para qualquer coisa. Como profissional, sei que aperfeiçoei muito o meu inglês e me espelho bastante nos professores que tive nos Estados Unidos. Também aprendi muitas técnicas de ensino de Língua Inglesa que já utilizo em minhas aulas aqui no Brasil.

Você tem desejo de ir para outro país para mais um intercâmbio ou até mesmo morar? Ou sua vida é mesmo no Brasil?
Quero muito continuar viajando e fazer outros intercâmbios, mas minha vida é aqui no Brasil, com a minha família, meus amigos. Depois que fiz intercâmbio passei a dar mais valor ao Brasil. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

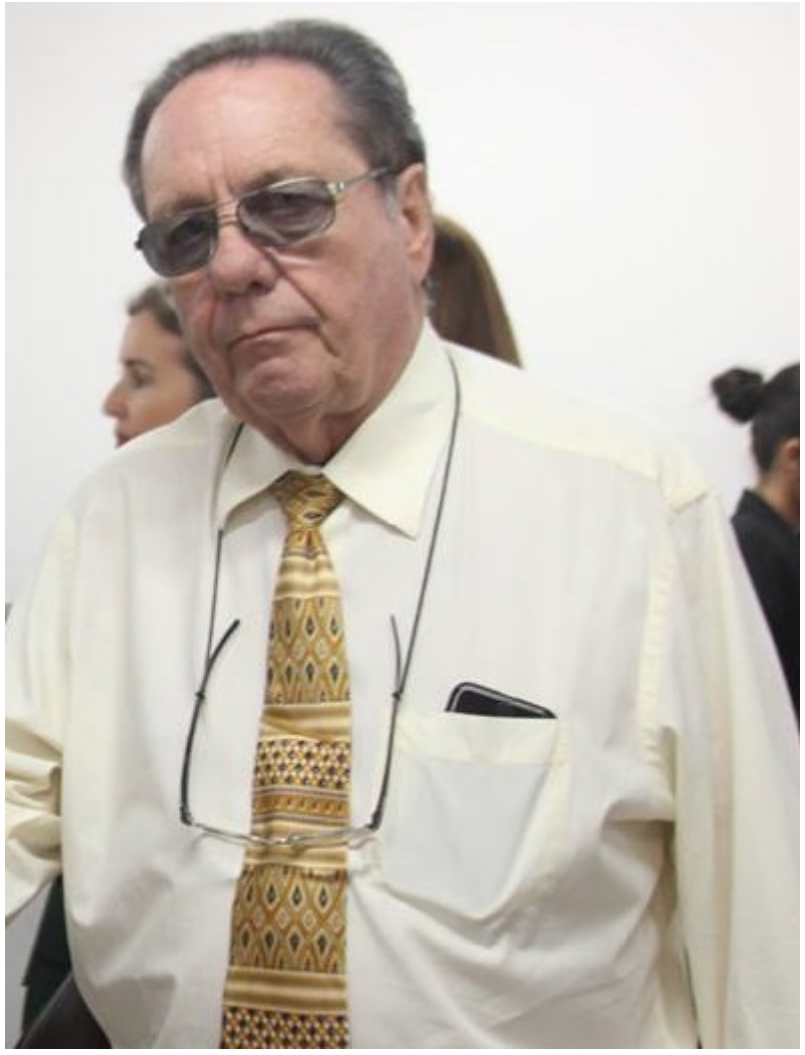
ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

HERÁCLITO MOSSIN

As controvérsias da Operação Lava Jato

Jurista analisa a operação que vem movimentando governos, políticos e a Justiça desde 2014

Em defesa do Estado Democrático e de Direito é necessário sempre respeitar as regras pelas quais a sociedade é regida. Essa máxima do Direito, defendida pelos juristas conflita com as opiniões divergentes sobre a Operação Lava Jato. Há o cometimento de abusos ou erros jurídicos no uso de mecanismos como prisão preventiva e condução coercitiva?
Para o jurista ribeirão-pretano Heráclito Mossin, "qualquer tipo de operação é bem-vinda, o que não podemos permitir é o excesso". Mossin é professor no curso de Direito da Unaerp, é mestre em Direito Público pela Unaerp, tem especialização em Direito Penal pela PUC-SP, é autor de 18 livros e atua como assessor parlamentar na Câmara Municipal de Ribeirão Preto.



POR LUÍS AUGUSTO PEREIRA

MURAL ENTREVISTA – A operação Lava Jato é importante para apurar os esquemas de corrupção no Brasil? Em sua opinião há abusos?
HERÁCLITO MOSSIN – Eu me recordo bem que durante largo espaço temporal fez-se aquilo que se chamou de condução coercitiva. O juiz determinava que a pessoa investigada ou pretensamente investigada fosse conduzida presa na presença do Ministério Público ou da própria polícia Federal. Isso não é possível ocorrer, isso é ilegal, porque não tem a mínima previsão legal para este tipo de condução coercitiva mesmo porque a pessoa que está sendo investigada, que vai ser indiciada em um inquérito tem o sagrado direito do silêncio.

Além da condução coercitiva há outros meios nos quais o senhor identifica abuso, como prisão preventiva?
A prisão preventiva pode ser decretada, desde que concorram os seus permissivos legais, previstos Artigos 311 e 312 notadamente no Código de Processo Penal. Se a prisão preventiva for decretada com ausência de esteio, com ausência dos requisitos legais, ela gera constrangimento ilegal e o indivíduo que está sofrendo constrangimento pode fazer uso inclusive do remédio heróico do Habeas Corpus.

E no caso do ex-ministro Antonio Palocci? Ele está preso preventivamente. O senhor entende que haja amparo legal para essa prisão?
O problema da prisão preventiva do Palocci, embora não tenho conhecimento de como ela foi feita tecnicamente, o que eu entendo agora é que já está havendo um excesso, está preso há um determinado tempo, está preso em nível de investigação. O que é mais primário em termo de investigação é a prisão temporária que neste caso em relação a ele, teria que ser de cinco dias e prorrogado por mais cinco dias num total de dez.

Como jurista, o senhor deve ter acompanhado o caso Triplex pelo qual o ex-presidente Lula foi condenado. A sentença foi justa? Houve provas suficientes para condená-lo?
Veja bem o seguinte, eu teria que examinar todo processo. Para falar se a pena foi justa ou injusta se foi aquém ou além daquilo que poderia ser aplicado eu teria também que analisar o conjunto de provas. Veja, bem como é que aplicado a pena?
Partindo da pena base que é o artigo 59 do Código Penal, eu tenho que examinar os vetores desse artigo para fixar a pena base e seja prudente me manifestar sobre isso. Eu não posso deixar de enaltecer que eu teria que também que, examinar os autos para verificar as provas e ver quais os vetores eu utilizaria para efeito de fixação dessa pena base e, depois, também verificar se há caso de aumento de pena, diminuição de pena e assim por diante.

Ao que consta, o presidente Lula foi condenado pela Teoria do Domínio do Fato. O que é essa teoria? Ela é adotada usualmente no Brasil?
Nós combatemos essa Teoria do Domínio do Fato, porque ela leva a uma conclusão, um critério chamado objetivo e na realidade a gente afere a responsabilidade criminal pelo caráter subjetivo ou dolo oculto.
A Teoria do Domínio do Fato infelizmente tem sido empregada em alguns setores do poder judiciário. Mas nós que somos juristas, somos estritamente contrários a ela. Tem que demonstrar a responsabilidade subjetiva do agente, essa teoria caminha à responsabilidade objetiva.

Nos embargos de declaração, o juiz Sérgio Moro disse: "Este juízo jamais afirmou na sentença ou em lugar algum, que os valores óbitos pela construtora OAS nos contratos com a Petrobrás foram usados para pagamento de vantagem indevida para o ex-presidente". Sendo assim, feriu-se o princípio do juiz natural da causa? Além disso, juridicamente é possível condenar alguém sem base na denúncia?
Não contraria o princípio do juiz natural constitucional, porque quem julgou o ex-presidente Lula foi o juiz que tem competência para julgar.

Pelo princípio da prevenção o juiz competente seria Moro por conta da questão da Petrobrás. Ele afirmando nos embargos que a propina não veio por meio dos três contratos, não se feriu aí o princípio do juiz natural? Pois ele não teria competência para julgar o caso
Aí seria questão de competência, que está umbilicalmente ligada ao princípio do juiz natural. Então veja bem, se a competência dele se reserva a peculato, lavagem de dinheiro e nesse caso a competência seja atraída em função da Petrobrás e se esse recurso não tem nenhuma ligação com a Petrobrás, aí evidentemente que ele é incompetente e haverá uma transgressão do princípio do juiz natural.

Cabe anulação?
Exatamente. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

LUCIELI DORNELLES

Desafios do jornalismo digital

As tecnologias mudaram a produção da mídia e o consumo das informações

As tecnologias causam impacto em muitas áreas, porém no jornalismo tem sido mais intenso, chegando até mesmo a inviabilizar financeiramente os jornais impressos. A internet também tem mudado a maneira como o público consome as informações. Com essas transformações, os veículos mudam a forma de produzir e apresentar notícias e reportagens e os jornalistas se atualizam para acompanhar as mudanças. A gaúcha Lucieli Dornelles, apresentadora e editora de texto do EPTV 1 , telejornal da EPTV de Ribeirão Preto, diz que é muito otimista em relação às mudanças e acredita que elas têm muito a acrescentar, principalmente no que diz respeito ao papel social do jornalismo.

POR LYANDRA NASSARO

MURAL ENTREVISTA – Como você define o jornalismo atual?
LUCIELI DORNELLES – Creio que o jornalismo nunca foi tão importante como hoje. Beiramos o caos informacional. É um momento em que as pessoas compartilham tudo o que veem, sem o mínimo de bom senso ou responsabilidade. Diante desse cenário, quem mais tem a obrigação de se debruçar sobre um tema, checar o que foi dito/escrito e ouvir todos os lados de uma mesma história? O jornalista. Infelizmente, o internauta não costuma ter esse cuidado.

Quais os principais desafios do jornalista hoje, com as tecnologias de informação digital?
Temos que encontrar maneiras de nos adaptar às mídias sociais. Já estamos fazendo isso, no jornalismo de TV. Hoje, o jornal e a internet andam juntos. Complementam-se. Nosso trabalho começa e termina com a participação das redes. Sou muito otimista em relação às mudanças, acho que elas têm muito a nos acrescentar, principalmente no que diz respeito ao papel social da nossa profissão.

É possível afirmar que o jornal impresso irá acabar? Por que?
Todos os meios de comunicação, do jeito que a gente conhece, vão acabar. Mas não vão deixar de existir. Apenas serão feitos de outra maneira. Isso já está acontecendo, aliás. E é ótimo que seja assim!

O que você prefere? Hoje, que a noticia é curta e rápida? Ou antigamente, quando o jornalista tinha mais tempo de ir a campo e apurar a matéria?
O trabalho de apuração não mudou. É feito com muito critério, pela produção de reportagem, desde a hora em que chegamos na redação. Os nossos princípios continuam os mesmos. O jornalismo é mais rápido hoje, é verdade, às vezes nem precisamos ir até o local do fato (já que os telespectadores nos enviam vídeos pelo celular), mas os cuidados com a informação são tão ou mais importantes do que antigamente. Quando temos alguma dúvida em relação à veracidade, optamos por não colocar no ar, ou não publicar, no caso do jornal impresso.

Como você vê o mercado de trabalho atualmente?
Eu costumo dizer que sempre há espaço para o profissional diferenciado. Não necessariamente o mais inteligente, mas o mais proativo, bem disposto, disponível e com espírito de equipe. Não há fórmula mágica para se destacar em um mercado concorrido, em nenhuma profissão. Mas é preciso se empenhar para sair na frente: fazer estágios, ter boa leitura, não ser preguiçoso, investir em cursos extracurriculares e ter muita paciência. Profissão consolidada é construção, não acontece do dia para a noite.

Qual a melhor forma de enfrentar a evolução da tecnologia no jornalismo?
Não se opondo a ela, usando-a como aliada. Hoje, todos os caminhos da notícia passam pela tecnologia. Desde a hora em que a informação chega até à hora em que ela vira produto (reportagem). As emissoras de TV e redações de jornal também migraram para a internet, buscando se aproximar do público-alvo. Hoje temos páginas e sites, espaços virtuais em que a linguagem pode ser diferente, mas o propósito é igual ao das mídias tradicionais.

Como as fake news afetam a sociedade?
Acredito que as fake news sejam um reflexo da sociedade em que vivemos. São usadas para difamar, prejudicar empresas e pessoas e revelam o pior do ser humano: mau caráter, mania de levar vantagem, desonestidade, corrupção, etc. Todos saímos perdendo. No caso do jornalismo, o trabalho de bastidores aumentou consideravelmente, já que precisamos diminuir o risco de cometermos erros na informação. Não somos infalíveis, é verdade. Estamos suscetíveis a colocar no ar algo mentiroso que aconteceu aqui ou em outra cidade ou anos atrás. Justamente por isso, nossas antenas nunca estiveram tão ligadas. É um grande desafio, não há dúvidas. Mas qual seria a graça da vida se os desafios não existissem? ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

RENATO VICTALINO

12% dos jovens brasileiros são deprimidos

Falta da figura de autoridade, vida digitalizada e sedentarismo são algumas das causas

Isolamento, irritabilidade, rebeldia, melancolia. Essas características típicas da adolescência podem ser indícios de uma depressão. Dos jovens brasileiros de 12 a 18 anos, 12% sofrem de depressão. Em todo o mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 20% dos adolescentes têm a doença, enquanto esse índice não chega a 10% entre adultos. Além disso, 77% dos adultos com depressão tinham histórico de sintomas também na infância ou adolescência. O psicanalista Renato Victalino, formado pelo CLIN-a (Centro Lacaniano de Investigação de Ansiedade), especializado em Transtorno da Neurose Obsessiva Compulsiva (TOC) e Depressão explica que a doença deve ser diagnosticada e tratada com seriedade por um bom profissional.

POR MARCELO CARVALHO

MURAL ENTREVISTA – O que de fato é a depressão?
RENATO VICTALINO – A depressão é uma doença que deve ser analisada por dois lados, o clínico e analítico. Pois o que ocorre com o sujeito durante a depressão é um ato muito inconsciente, no qual, pelo lado clínico, há uma diminuição de um processo químico no cérebro que é a produção da Seretonina (hormônio responsável pelo humor, alegria, felicidade etc) e no lado analítico é uma falta que a pessoa tem. Todos têm faltas na vida e cada um lida de um jeito, mas há momentos em que a falta se torna insuportável para a pessoa.

Por que aumenta tanto o número dessa doença?
O que se percebe muito hoje em dia é a diminuição da figura de autoridade sobre uma geração, pois a geração atual possui cada vez menos respeito e obediência para com seus pais, professores e orientadores, houve uma perda da identidade. O sujeito se perdeu e não conseguindo buscar um caminho, a pessoa passa a viver uma frustração se tornando alguém depressivo. Outra possível causa é o avanço da tecnologia, pois a falta de brincadeira na infância, de atividades físicas e ativas durante a vida toda, o sedentarismo e a obesidade diminuem o nível da dopamina, que deixa de estimular a produção da seretonina, tornando o indivíduo desregulado quimicamente.

A depressão é uma doença hereditária? Há alguma influência caso algum familiar possua essa síndrome?
Não há nada que comprove que ela é geneticamente hereditária, mas há estudos que comprovam que a questão dos costumes familiares passados de geração para geração, geram dependentes depressivos. Sendo assim, há algo caracterizado como criação e costume, um nicho ecológico, algo relacionado ao lugar onde a pessoa vive.

Como ter certeza se eu mesmo ou algum próximo está sofrendo de depressão? Existem técnicas ou dicas para perceber isso?
É preciso ter cuidado sobre isso, pois confunde-se muito a depressão com períodos de estresse, ansiedade ou fobia muito grande. Diagnosticar corretamente a doença pode ser feito apenas por um profissional da área, porém há sintomas muito evidentes que podemos citar. Geralmente quem passa por um estado melancólico por mais de duas semanas, os que não veem mais coisas boas na vida, que param de ser produtivos e mudam sua rotina a ponto de parar de praticar atividades prazerosas até para eles mesmos, pessoas que possuem dificuldades em fazer coisas relativamente simples. Se alguém apresenta esse quadro, as chances de estar entrando ou já sofrendo de depressão é enorme.

A partir do momento que reconheço que alguém sofre de depressão, o que devo fazer, como agir e ajudar?
O importante é ouvir, mostrar que existe um caminho e uma solução para seus problemas. Quando o depressivo perguntar como, você pode direcioná-lo para um psicólogo, neurologista, terapeuta ou psiquiatra, enfim algum profissional. Porém, se a pessoa não der abertura, não há o que fazer, não conseguimos ajudar quem não quer ser ajudado.

O que não fazer ou falar para alguém sofrendo de depressão?
Não devemos responder "positivamente", por exemplo dizendo para o depressivo que há casos piores que o dele, que é importante olhar o copo meio cheio e não meio vazio. Nem "negativamente", concordando que aquela situação é o fim do mundo, que não sabemos como aguentaríamos se estivéssemos em seu lugar. Então não faça comentários banais diminuindo ou reprimindo, não reforce a dificuldade daquela situação e não tente arranjar soluções para aquela dor, apenas ouça, seja um bom ouvinte e na sua abertura indique um profissional.

Existe cura para a depressão?
Existe sim, se a pessoa possui o desejo de mudar algo em relação à sua situação, a depressão começa a cessar. Há sujeitos que constroem algo sobre suas dores e perdas e aprendem a lidar com elas. Se a pessoa quer sair da daquela situação e busca uma ajuda profissional seguindo corretamente as indicações do mesmo, ela consegue superar a depressão. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

ALESSANDRA GREGOLDO

Cyberbullying é grave e machuca

No anonimato das redes sociais, a violência virtual pode até levar ao suicídio

É fato que as redes sociais expõem as pessoas cada vez mais a julgamentos e as tecnologias digitais vem sendo muito utilizadas para machucar alguém moralmente, muitas vezes com gravidade. É o cyberbulling que pode ter consequências tão ou mais graves que o tradicional bullying, uma agressão intencional praticada por repetidas vezes. Pode ser em forma de deboche, ofensa, intimidação, humilhação, te também chegar a agressões físicas. Geralmente, a intenção é destruir a autoestima e excluir a vítima do convívio social. O tirano valentão (bully, em inglês) sempre encontra motivo para atacar quem ele escolhe como indefeso. Pode ser pela cor da pele, escolha sexual, pelo corpo, ou até mesmo por alguma deficiência. A psicóloga Luzia Del Vechio Bernardes, graduada pela USP, pós-graduada em Saúde Mental e professora do curso de Psicologia da Unaerp, diz que o fenômeno está em todos os lugares e classes sociais.

POR MARINA BONELLA

MURAL ENTREVISTA: O que é cyberbullying?
LUZIA DEL VECHIO: O bullying em si é uma forma recorrente de atitudes ofensivas, e, a partir do momento que isso passa a acontecer de forma frequente nas redes sócias, é considerado um cyberbullying Trata-se de um comportamento ofensivo, agressivo ou hostil através da internet e das mídias sociais, embora essa atitude de perseguir alguém seja um fenômeno muito antigo. Acredita-se que em sociedade sempre houve formas ofensivas de agir uns com os outros. Portanto, o cyber e o bullying são fenômenos que estão ativamente presentes na sociedade.

O que mudou do bullying tradicional para o cyberbullying?
Um fato curioso do cyberbullying é o anonimato, onde a pessoa está atrás do computador, muitas vezes com perfil falso e conta falsa. Protegido pelo anonimato, acaba atacando a vítima com muito mais deliberação e até mesmo mais agressividade, pois o autor acredita que não será descoberto. Felizmente com os avanços tecnológicos já é possível identificar o autor. Por isso, é importante que quem sofre o cyberbullying procure uma Delegacia de Polícia, faça um Boletim de Ocorrência e solicite proteção e a apuração do sujeito.

O que leva o autor a praticar?
É um comportamento agressivo e existem vários fatores que podem levar alguém a isso. Os mais frequentes são a frustação e a incapacidade de se colocar no lugar do outro, que na psicologia chamamos de "empatia". Mas, eu considero a imaturidade no se relacionar com o outro, não ser empático, a principal causa. Isso é uma coisa que pode acometer crianças, adolescentes, adultos, de qualquer classe social, tanto de escola pública quanto de escola particular. Realmente é um fenômeno que está por toda parte.

De que maneira os estereótipos podem contribuir para a prática de tais agressões?
A sociedade cria estereótipos, que são uma forma de classificar ou categorizar alguém, atribuir rótulos. É aquela coisa, por exemplo, do "gordinho", do "dentuço", do que usa óculos e muitas outras atribuições. E, em uma sociedade onde se busca a perfeição, quem sai fora desses "padrões" acaba caindo em determinados estereótipos e recebe agressividade dos demais.

A princípio o cyberbullying é feito por meio das redes sociais, mas é possível que isto chegue a uma agressão física?
Sim. À medida que várias pessoas nas redes sociais vão se unindo contra uma única pessoa, isso vai fortalecendo a ação e incentivando a agressão física. O autor vai ganhando força, ele começa a praticar e outras pessoas também, e a vítima vai ficando mais fragilizada.

Quais são as consequências para a vítima?
A vítima começa a apresentar uma mudança de comportamento, às vezes um isolamento social, sintomas de depressão. Depende muito de como cada pessoa reage a essa situação de estresse, porque na verdade o bullying vai gerando um estresse, que é uma reação de sofrimento psíquico, que pode também levar a um sofrimento físico, distúrbios psicossomáticos podem acontecer, distúrbios de sono, alimentares, apresentando baixo rendimento escolar, adultos com baixo rendimento no trabalho. Afeta a vida da pessoa como um todo.

Como perceber que alguém está sofrendo e o que pode ser feito para ajudar?
Pela mudança de comportamento. Os pais e professores começam a notar a criança mais calada, mais sensível, reagindo mais intensamente a qualquer coisa; um adulto que fica mais vulnerável e neste caso é importante que chegue e converse. Os pais devem acompanhar com quem a criança ou o adolescente está se relacionando nas redes sociais, porque não é só do bullying que uma pessoa pode ser vítima nas redes sociais. Tem a questão gravíssima da pedofilia. Toda e qualquer mudança de comportamento deve ser investigada, os pais devem tomar conhecimento do que se passa com os filhos e os professores também.

O que a vítima pode fazer para evitar o bullying?
Em primeiro lugar, a partir do momento em que a pessoa se torna vítima dessa agressão, ela deve comunicar aos pais e aos professores. Se forem crianças, os pais devem tomar providências, procurar uma Delegacia para que esse agressor seja identificado e devidamente punido. Já existem penas no Código Penal para esse tipo de agressão. Entre os jovens e adultos é muito importante conversar quando perceber que um colega está mudando de comportamento, dar conselhos, principalmente porque os autores são muito eficientes em encontrar suas vítimas, percebem as pessoas mais vulneráveis. Jamais se deve calar.

E por último, mesmo sendo virtual, o cyberbullying pode levar ao suicídio?
Sim, existem registros de casos em que a vítima fica muito vulnerável, podendo chegar a uma situação como esta. Os meios de comunicação não divulgam, mas a gente sabe que vem aumentando os casos de suicídio no mundo e no Brasil. Toda e qualquer circunstância que predisponha ao suicídio realmente deve ser trabalhada. Indivíduos que estejam propensos devem ter atendimento dos profissionais de saúde mental, psicólogos, psiquiatras, para realmente se prevenir. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

ADEMAR MENEZES

Fitoterapia é uma ciência

Plantas medicinais são pesquisadas e podem oferecer a mesma possibilidade de cura dos alopáticos

O Brasil abriga 20% da biodiversidade da Terra e possui 40% de cobertura vegetal em seu território. Mesmo assim, aqui os produtos fitoterápicos passaram a ser considerados como medicamentos somente em 1995 e conquistaram lugar de importância apenas em 2006, após a aprovação de uma política que passou a adotá-los como tratamento no SUS. Segundo Ademar Menezes, mestre em Produção Vegetal pela Unesp/Jaboticabal e engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Lavras/MG, ainda há um longo caminho a ser percorrido pela fitoterapia no Brasil. O atraso em relação a outros países do mundo, deve-se aos empecilhos legais e científicos e às crenças populares sobre o real benefício de medicamentos à base de plantas. Apesar disso, Menezes garante a eficácia dos fitoterápicos na cura de doenças e ensina como consumi-los em segurança.

POR TAINÁ LOURENÇO

MURAL ENTREVISTA: O que é a fitoterapia?
ADEMAR MENEZES: Fitoterapia é uma forma de tratamento à base de plantas. Ela pode ser utilizada de forma preventiva para evitar o surgimento de doenças ou podemos usar de maneira curativa.

Quais doenças o senhor já curou com a fitoterapia?
Eu sou terapeuta há praticamente 20 anos, então tudo o que você possa imaginar. Desde problemas emocionais como ansiedade, depressão, insônia. Já tratei de problemas físicos como enxaqueca, úlcera, pneumonias, câncer. Para qualquer tipo de doença sempre existirão algumas plantas que vão ajudar no tratamento.

Entre os medicamentos alopáticos e fitoterápicos, qual o recomendado?
Fitoterápicos podem ser utilizados como os convencionais, só que com algumas vantagens. Como possuem uma quantidade muito menor ou quase ausente de efeitos colaterais, são bem menos agressivos ao organismo, portanto são menos tóxicos. A forma de ação deles é bem parecida com os alopáticos, possuindo vantagens e desvantagens. Isso nos dois. Por isso, hoje costumamos colocar que são terapias complementares. Não precisa ser excludente. Normalmente, partimos do 'vou tentar resolver com algo mais simples, mais barato, menos agressivo. Vou usar as plantas'. Aquilo que as plantas não resolverem eu parto para algo mais potente, mais agressivo, mais efeitos colaterais e, às vezes, mais caro.

Existe algum risco ao utilizar medicamentos fitoterápicos?
Sim. Da mesma forma como nos alopáticos. É preciso, sim, ter um cuidado e saber de onde estamos comprando. Infelizmente tem muita falsificação, pois uma vez a planta seca é difícil saber qual é qual. É preciso ter confiança na farmácia e no laboratório de onde você está comprando. Confiança na pessoa que está prescrevendo, se ela realmente sabe, conhece, se tem a vivência com as plantas para estar indicando. Se você tiver esses cuidados com certeza não haverá nenhum problema.

Em quais casos um fitoterápico deixa de ser medicamento e torna-se um "veneno"?
Se você sair daqui e for beber água, você vai beber um litro, dois litros, três litros, quatro litros e daqui a pouco estará passando mal devido à quantidade de água que tomou. É a mesma coisa. Tudo depende da dosagem. Existe a dosagem terapêutica e o excesso da dosagem que irá agredir o seu organismo.

As pesquisas para a comprovação dos efeitos terapêuticos das plantas seguem os mesmos parâmetros científicos de outras substâncias?
Para ser registrado como um medicamento, sim.

Qual o tipo de investimento e o custo gerado para o estudo fitoterápico em relação a um alopático?
O investimento para a produção de um medicamento fitoterápico é muito alto, porém mesmo sendo muito alto, ele é mais baixo do que para um alopático. Para a produção de um alopático, temos que levar em conta que alguns já são conhecidos e que o produto já se encontra pronto no mercado. Você compra o sal e elabora um medicamento a partir dele, então isso sai muito barato comparado àquela indústria que ainda está pesquisando produtos novos, porque ela vai trabalhar com sínteses e vários estudos, isso irá demorar em torno de 10 há 15 anos, consumindo milhões de dólares. As indústrias que existem no Brasil compram substâncias que não são mais protegidas por patente. A partir daí outros fabricantes sintetizam e colocam o preço e introduzem o produto no mercado e outros laboratórios compram e começam a produzir. Está aí os genéricos, por exemplo.

A procura por fitoterápicos é igual a procura por alopáticos?
Não. A procura por alopáticos é bem maior porque é um sistema que já está institucionalizado. Quando você vai a um médico ele prescreve um alopático. Por que ele prescreve um alopático? Porque nas escolas ele aprendeu a trabalhar com alopáticos. E por que as escolas só ensinam sobre os medicamentos alopáticos? Porque as escolas fazem parte de um grande sistema montado onde os objetivos principais são atender os grandes grupos industriais, a tal máfia branca. Para o sistema não interessa se você tem a planta em casa e que, ao invés de ir à farmácia comprar um medicamento, você vai ao fundo do seu quintal pegar um remédio.

É possível que futuramente o uso de fitoterápicos e outros tratamentos alternativos se sobreponham ao uso de alopáticos?
É uma pergunta difícil de responder porque cai na questão de interesses. Se existisse uma política pública verdadeira, realmente preocupada com a população, a forma de tratamento alopática seria apenas mais uma alternativa. Acho que o sistema sempre será um sistema que prevalece, mas cada vez mais ela conquistará um espaço maior devido à pressão da população e pelo não cumprimento da promessa de resolver todos os problemas proposta pela alopatia. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

JUAREZ TADEU XAVIER

Racismo bloqueia estudantes negros

Negros e pardos são apenas 12,8% dos jovens que chegam à universidade no Brasil

O professor Juarez Xavier, pesquisador e coordenador do Núcleo Negro Unesp para Pesquisa e Extensão, afirma que a pobreza e o racismo estruturais no Brasil destroem negros. São fatores históricos, políticos, econômicos e culturais que bloqueiam a ascensão da população negra e parda. "Um conjunto de perversidades", diz Xavier que coordena o programa Educando para a Diversidade na Unesp de Bauru e foi pesquisador do Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Celacc/ECA/USP) e do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos Interdisciplinares sobre o negro brasileiro da Universidade de São Paulo (Neinb/USP), no período de 1995 a 2010.

POR THIAGO FIRMIANO

MURAL ENTREVISTA – De acordo com o IBGE, em 2015 o número de negros nas universidades brasileiras aumentou para 12,8% em relação a 2005. Porém, mesmo com esse aumento o número absoluto ainda continua baixo. A que se deve isso?
JUAREZ TADEU XAVIER – São vários os fatores: histórico, por um processo abolicionista sem que tivesse ocorrido um mecanismo de inclusão; econômico, pela concentração de riqueza e renda nas mãos da população não negra; cultural, pelo processo de bloqueio de acesso da população negra ao capital cultural; social, pela apartheid que vige no país em relação à população negra, num país de desigualdades abissais; e político, que transformou privilégios em direitos, a partir da cultura e política da supremacia racial. É esse conjunto de perversidades que congela a população negra nas condições mais aviltantes.

A criação brasileira de cotas raciais nas universidades brasileiras resolve o problema do baixo número de estudantes negros?
Em parte. As cotas foram adotadas no mundo inteiro, como mecanismo temporário para a superação das desigualdades. No Brasil, ele é debate desde a década de 1970, no seio do movimento negro. Como efetivação, elas são aprofundadas nos anos de 1990, quando o governo federal FHC reconhece que o estado brasileiro é o promotor das desigualdades e do racismo e cria o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), e passa a se preparar para a 3ª Conferência Mundial contra o Racismo e Intolerâncias Correlatas, realizada em Durban, na África do Sul. Em 2001 o Brasil se compromete em adotá-las. Elas são importantes, mas são apenas o primeiro passo, dentro e fora da universidade. Dentro, precisará avançar para as áreas de ensino com espelhamento da realidade social brasileira; extensão com o desenvolvimento de projetos que tenham interação com os segmentos da sociedade em condições de vulnerabilidade social; com a pesquisa quando forem criadas linhas de pesquisa e fomento para os estudos das relações étnico racial da população negra; e na gestão, com a contratação de servidoras negras e negros. Externamente, é preciso enfrentar a pobreza e o racismo estruturais que destrói corpos negros.

Como o senhor avalia o programa de cotas?
Elas são positivas. Do ponto de vista acadêmico, estudantes cotistas têm maior curva de aproveitamento, menor índice de retenção e são os melhores defensores da universidade pública. Sob todos os aspectos, a experiência é positiva.

Alunos negros que entram na faculdade por meio de políticas de ações afirmativas são menos qualificados do que os alunos que entram pelo sistema universal?
Não. Na Unesp são adotadas as reservas de vagas para estudantes egressos do ensino médio público, e dentre esses, para autodeclaradas pretas e pretos, pardas e pardos. São ingressantes nos cursos mais concorridos. As cotas não são pela insuficiência das negras e negros, mas em razão do racismo estrutural, que quebra qualquer possibilidade de mérito.

Os estudantes e professores negros ainda sofrem preconceito e manifestações racistas dentro das universidades? O senhor já passou por essa situação?
Sim e sim. Sofremos, pois a sociedade continua racista e concebe o negro como sendo inferior na estrutura social. Na Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia Legislativa de São Paulo, em 2014, evidenciou-se o quanto o espaço universitário é violento, em especial para negros, mulheres, gays, lésbicas, trans e pobres. Muito ainda é preciso ser feito para superação do racismo e seus derivados, nas universidades.

Caso sofra alguma manifestação preconceituosa ou racista, como o estudante deve reagir? O que ele deve fazer?
Ele deve denunciar dentro e fora do âmbito universitário. Recorrer às ouvidorias das universidades. As apurações das denúncias precisam ter dois vetores, o educativo - para que estudante saiba que cometeu um crime, e precisa mudar; e o legal - os estudantes com práticas racistas devem ser enquadrados na lei que tipifica o racismo como crime inafiançável, como previram os constituintes. É preciso perder o medo e a vergonha e denunciar, para que se estabeleça o processo administrativo, e quiçá, os judiciais.

O que as escolas do ensino infantil, fundamental, médio e até mesmo as universidades pode fazer para ajudar a diminuir o preconceito e o racismo?
Primeiro, adotar a lei 10.639, que orienta a adoção das histórias da África e dos africanos; segundo, ter uma política de diversidade epistêmica, com a compreensão de que ela é positiva e necessária aos ambientes de produção de conhecimento e pesquisa; terceiro, adoção de uma política de acolhimento e de permanência, pois ainda os estudantes negros são os mais pobres e precisam em todos os níveis de auxílio para os estudos.

No campo profissional, a sociedade está pronta para receber com igualdade de condições o profissional negro formado na universidade?
Ainda não, mas precisa se preparar. É inevitável, já que os negros e pardos são maioria no país.

O senhor considera ser papel da universidade atuar para diminuir o preconceito contra os profissionais negros, no mercado de trabalho?
Sim. A universidade tem dois valores: sua função, que é formar trabalhadores e pesquisadores qualificados para o desenvolvimento do trabalho e da pesquisa. E a missão de formar cidadãs e cidadãos conscientes e críticos. Essas são as responsabilidades das universidades no país. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

NOVEMBRO de 2018

ANO 3 | RIBEIRÃO PRETO

LUCIANO PEDRESOLI

Exemplo é a única forma de ensinar

Disciplina, trabalho em equipe e responsabilidade são características dos escoteiros

O movimento escoteiro é um projeto destinado a crianças e jovens entre 6 a 21 anos. Baseia - se nos ideais e regras criados em 1907 pelo general Robert Baden-Powell, na Inglaterra, em um acampamento com vinte rapazes ao longo de oito dias. Com a boa repercussão, no ano seguinte ele publicou o livro "Escotismo para Rapazes".
Atualmente, são mais de 100 mil pessoas que participam dos movimentos, em 671 cidades que reúnem 1.480 grupos. Sendo mais de 75 mil jovens e cerca de 25 mil adultos voluntários.
Na entrevista a seguir, o chefe presidente do Grupo Escoteiro Baobá 176/SP de Ribeirão Preto, Luciano Pedersoli, que participa do movimento a trinta anos como adulto voluntário.

POR VITÓRIA CONRADO

MURAL ENTREVISTA - O que é o movimento escoteiro?
LUCIANO PEDRESOLI- O movimento escoteiro prepara o jovem para ser um bom cidadão, mas de forma lúdica e atrativa, porque se você vai falar para ele que você vai ensiná lo a trabalhar em equipe, a ter disciplina, a sonhar e trabalhar para conquistar esse sonho e ter responsabilidade, sinceramente, não vem ninguém. Igual a um curso. Se você falar que ele terá que ralar e estudar muito ele a não vai, pois haverá muito trabalho. Então é uma forma de fazer um fundo de cena para você trazer o jovem para que ludicamente e brincando ele consiga vencer os obstáculos.

Quais os principais ensinamentos do movimento escoteiro?
Baseado nos três princípios da lei escoteira: Deus, Pátria e o Próximo. Então, ele aprende a dar importância aos valores espirituais da família dele, não importa qual seja; ele aprende a ser um bom cidadão, na parte do respeito com a pátria, com as organizações, ou seja, limpeza e higiene da cidade, cumprir as leis e as regras; e com o próximo, pois é em sociedade que nós vivemos.

Existe algum pré-requisito para se tornar um escoteiro?
Sim, ter entre 6 anos e meio, alfabetizado, até os 21 anos. Após isso, ele começa a trabalhar como voluntário.

O movimento é vinculado com alguma organização?
Sim, baseados no Bureau Internacional do Escotismo que é os órgãos com sede na Suíça que atende a todos os grupos escoteiros do mundo. Nós temos os grupos divididos em continentes, todos filiados à mesma organização que gerencia o movimento escoteiro no mundo inteiro. No Brasil, nós temos a União dos Escoteiros do Brasil, que é a centralizadora e representante no órgão interamericano que nos representa no Bureau Internacional.

O movimento é vinculado com alguma religião?
Não, o nosso grupo não tem uma religião. Porém, o jovem tem que ter uma religião para fazer parte. Entretanto, existem grupos fechados, como por exemplo, uma igreja que quer montar um grupo de jovens escoteiros. Nesse caso, então teoricamente apenas membros daquela determinada religião fariam parte do grupo. Existe uma variação de grupo para grupo.

Hoje em dia qual a maior dificuldade do movimento escoteiro?
A concorrência com atividades externas como shopping center, internet, videogames, vida virtual e a falta de apoio da família, como trazer o adolescente, vir dentro do horário, participar.

O movimento escoteiro sofre algum preconceito da sociedade?
Preconceito não, eu ainda vejo uma boa imagem do movimento escoteiro lá fora, pois, a imagem do escoteiro ainda está ligada a valores. Mas as vezes é motivo de chacota, com relação a roupa por exemplo. Isso existe, mas não considero como preconceito.

Na sua opinião, porque essa chacota?
Temos pouca divulgação, não temos uma quantidade muito grande de jovens participantes no movimento escoteiro devido à falta de adultos capacitados. O que seria isso? Todo adulto voluntário para participar teria que fazer um treinamento, precisa ter disponibilidade e as regras aplicadas para eles são mais severas em cada sessão (equipes divididas por idade, que compõe cada grupo escoteiro). Cada sessão tem que ter pelo menos quatro adultos para 32 jovens participantes. Por esse motivo não fazemos tanta divulgação, pois temos lista de espera para ingressar no grupo, mas a mão de obra mais difícil de se trabalhar é o adulto voluntário.

Qual é a fonte de renda do grupo?
O grupo não tem fins lucrativos, mas ele tem uma demanda de gastos muito grande para prover todos os materiais necessários como cabos, cordas, facas, barracas. Por isso, os próprios associados mantêm o grupo com uma taxa mensal que a jovem paga para realizar a manutenção do grupo.

Esse orçamento é público?
Sim, qualquer um pode ter acesso. A taxa para um jovem é 25 reais. Se ele paga dentro do mês, o valor cai para 20. Caso tem mais irmãos, a taxa é 20 reais e se pagar dentro do mês reduz para 15.

O movimento escoteiro é considerado uma organização jurídica ou física?
Organização jurídica. Ele tem CNPJ, temos que fazer declaração de renda de tudo que sai e entra, toda a parte contábil e, no Brasil, por lei federal, é considerado de utilidade pública desde 1992.

O escotismo é um movimento autônomo ou tem ajuda do governo?
Autônomo, mas existem algumas leis recentes de incentivo do governo de São Paulo, permitindo que os grupos escoteiros que tenham interesse possam utilizar, escolas para realizar a atividade. Uma das nossas dificuldades são as sedes, ter lugar para fazer as atividades.

No seu olhar como chefe escoteiro, qual a importância do escotismo na vida do jovem?
Há mais de 30 anos eu participo do movimento escoteiro e vejo que para jovens é muito importante ter, principalmente hoje em dia, uma sociedade física e não só virtual. Aqui, ele tem contato com outros jovens, com a natureza e aprende uma coisa que muitos adultos não gostam: o movimento proporciona um empoderamento, ser um pouco mais autônomo; o garoto aprender a cozinhar e a se virar com o que tem. E aprende tudo isso de uma forma lúdica, brincando, se sentindo em uma aventura, onde ele aprende a improvisar e chegar à conclusão que tem condição de vencer um obstáculo.

Como se faz para se tornar um escoteiro?
O primeiro passo é procurar um dos três grupos escoteiros existentes aqui em Ribeirão Preto ou entrar no site da União dos Escoteiros do Brasil, buscar um grupo e comparecer na sede com seu responsável. Quem se associa no grupo é o representante legal do jovem, fazendo sua matrícula e o acompanhamento. Não é difícil.

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp.)